

O LIVRO SEM TÍTULO DE UM AUTOR SEM NOME

POR

Dr. Jorge Adoum – Mago Jefa

Dedicado a Werner Koennecke,
Amigo e companheiro em direção ao Centro

ÍNDICE

Notas para um ensaio
A Estória d' "O Livro Sem Título de um Autor Sem Nome"

O LIVRO SEM TÍTULO DE UM AUTOR SEM NOME

Capítulo I	Libertação
Capítulo II	Da Enfermidade
Capítulo III	Da Mulher Enganada
Capítulo IV	O Matrimônio Infeliz
Capítulo V	O Covarde
Capítulo VI	Os Políticos
Capítulo VII	Da Riqueza
Capítulo VIII	O Clérigo
Capítulo IX	O Padre
Capítulo X	A Amizade
Capítulo XI	O Partidário

Capítulo XII	O Filho
Capítulo XIII	Os Comerciantes
Capítulo XIV	Da Lei
Capítulo XV	Dos Nobres
Capítulo XVI	Dos Médicos
Capítulo XVII	Dos Guerreiros
Capítulo XVIII	Da Nescidade
Capítulo XIX	Do Amor
Capítulo XX	Da Sabedoria

SEGUNDA PARTE

NOTAS PARA UM ENSAIO

(Sobre a filosofia mística através dos tempos, por ocasião do último livro do Dr. Jorge E. Adoum)

1.

Foi FREUD quem trouxe ao mundo a sua palavra que funcionou como bofetada definitiva nos velhos ídolos de barro, quando descobriu para nós o profundo e obscuro enraizamento sexual das religiões. Junto ao fantasma da libido colocou o fantasma branco do misticismo impenetrável, misterioso, ultraterreno. Àquele que se acreditava santo – no sentido torcido de uma castidade equívoca – o velho professor atrevia-se a julgar como a sublimação daquele mesmo impulso que fazia com que a Humanidade se reproduzisse. “Totem e Tabu” faria, então com que lábios amedrontados se abrissem para o grito estentóreo do escândalo e da blasfêmia... E em paralelo com o masoquismo dos silícios e o desvio das beatas e mártires, as ideologias místicas tiveram por fim uma raiz humana, tão humana quanto a carne e seus prazeres. Especialmente humana como a tortura do desejo condenado a

satisfações imperfeitas. O sexo transfigurado em mito, em símbolo de perfeição.

2.

Foram MARX e ENGELS que desenvolveram, novamente, a história da Humanidade. O materialismo dialético encontraria a razão de ser dos homens e dos povos. Dali ao fator econômico decisivo na história como luta de classes ou como produto do meio, não havia senão um passo correlato, lógico e imediato, ao escalão seguinte. LUCIEN HENRY, em seguida, à luz do materialismo histórico, escreveria suas “Origens da Religião”. Demasiado extremista, talvez. Demasiado extremista, porque denigre o fundo místico de todas as religiões, como se em todos os ritos só houvesse observado as vestimentas; como se, na comunhão dos cristãos, em suas consciências íntimas e geralmente reunidas em torno de uma confusão que não estão interessados em destruir, não tivesse encontrado nada, a não ser uma poeira fina ou um vinho embriagador. E o próprio ENGELS, ao investigar a origem da família, assinalaria, no prólogo de apresentação às descobertas de MORGAN, BACHOFEN e MAC LENAN os dois grandes motores da história: o sexo e o meio social do desenvolvimento, os quais estariam comprovados, desde suas origens, na religião primitiva das tribos da América e da Austrália.

3.

Indubitavelmente, o florescimento das filosofias místicas sobre o globo tem sua explicação individual e social. Não terão, acaso, para nós, uma explicação histórica, um imperativo social gerador, a criação de Brahma, o “Evangelho do Senhor Buda” ou o “Livro da Senda e da Linha Reta” escrito por LAO-TSÉ, o ancião das barbas cor de neve? Têm para nós, homens do século XX, a mesma transcendência que para os habitantes das margens do Ganges ou do Yang Tse Kiang, antes de Cristo? Ou para os que se extasiavam ante os transbordamentos do Nilo, face a mística superstição de Ísis ou Osíris ou face à branca e radiante abertura dos lótus sobre as águas ou ainda ante o sagrado e voluptuoso desenvolvimento das serpentes? Tais coisas, que permanecem como relíquias imperecíveis em nosso arquivo – melhor ainda como estilos de arquitetura humana, face aos fenômenos internos e externos da Natureza – perderam, parcial ou totalmente, para nós, seu peso de tabu, seu pavoroso poder de encadeamento e cegueira. Sentimo-las, sim, como o atavismo que permaneceu dormindo e sonhando em nosso sangue e que desperta ante uma freira jovem, ante um incensório

fumegante ou ante a mãe que confia na oração que aprendeu, apesar de inútil e frágil como os rolos de fumaça.

4.

Mas resta em todas elas um apoio. Um apoio mais humano e mais perto do alcance do homem, como as moedas de um centavo. Resta essa compenetração lírica. Quem poderá assinalar, definitivamente, a linha demarcatória aonde termina a filosofia e começa a poesia? Aonde encontrar a fronteira divisória entre o místico e o lírico? E como se não soubesse – ou não pudessem saber – sua nacionalidade de origem, os grandes iludidos permaneceram vivendo dentro dessa ilusão até os dias de hoje. PLATÃO – fantástico visionário – criando seu mundo utópico, dando cores a uma lenda como a do mágico de Oz ou de Alice no País das Maravilhas, fica pequeno ou invisível ante líricos maiores. Seu mundo das idéias não está, acaso, para as crianças, no mesmo nível simples e sublime das Fadas e dos Gnomos? E a construção da sua República, quem poderia afirmar se não ficaria melhor colocando figuras de chumbo sobre um tabuleiro azul ... !? E viria um outro, séculos mais tarde, igualmente iludido. Um velho doente e sem rumo que alguém acreditou ser filósofo. O que encontraria as origens da tragédia. O que, mergulhando nas águas profundas, iria “Além do Bem e do Mal”. O que encontraria as origens da tragédia. O criador do Anticristo. Aquele que pintou o ocaso dos deuses. Em que página de NIETZSCHE não encontramos um poema, de igual profundidade lírica – não na forma, mas no que tem de profundo – quanto os escritos por LEOPARDI ou por RILKE, o poeta que morreu por cortar rosas para sua mulher? Filosofia obscura, transcendente, insone em algumas de suas linhas. KANT seria o mestre de DESCARTES. Filosofia ou desintegração do humano.

5.

E em todos os mestres e discípulos uma obsessão constante: o super-homem, a superação humana. Sempre a busca – infrutífera? – do caminho reto. “A vida é um sofrimento eterno e não vale a pena ser vivida”, diria o mestre da Índia. “Mata o desejo de viver”, eis a fórmula da superação, após grandes transmigrações de alma para alma. E viria um outro: “Amai-vos uns aos outros”. “Vende tudo que possuis e reparte-o entre os pobres, toma a tua cruz e segue-me”. Era tudo que se precisava fazer para obter a salvaçãoE viria o grande poema da humanidade futura: “Assim Falou Zaratustra”. E nos rincões do Oriente, GIBRAN – imaginação oriental, por fim – visualizaria “O Profeta”.

6.

E dizemos agora, em resumo: se tudo aquilo foi produto de uma época, que já não tem para nós o poder da regeneração, mas que continua, ainda hoje, trabalhando e girando em nós a gigantesca turbina de nosso instinto sexual, dando origem ao místico, e se todos estamos convencidos de que devemos preparar o homem da nova era, que caminho nos resta? ... Pergunta angustiante, Pergunta que traz, a reboque, uma caravana de contradições íntimas e que nos liberta de qualquer resquício de fanatismo. Se é imperativa a necessidade de criar o homem-arquétipo, o homem que represente o avanço acelerado dos séculos, que linha reta devemos seguir, que evangelho pregar, se tudo já nos chega apenas com cheiro de antiguidade e textura de porcelana? Quem será nosso Mestre? Buda ou Confúcio? Lao-Tsé ou Maomé? Jesus ou Zaratustra? Ou, talvez, por estar mais próximo de nós, o profeta de GIBRAN? Ou seria necessário um novo evangelho “Século XX”? Ou serviria, apenas, para eletrizar as consciências, a obra de ENGELS? Ou seria o caso de se estabelecer uma nova moral - estação final de todos os caminhos - calcada nos princípios do Marxismo? E, até que ela exista, por onde irão nossos passos, após a agonia do Cristianismo, de que nos falou UNAMUNO ou após a constante ruptura de relações com os deuses?

7.

Afirmar que “O Livro Sem Título de um Autor Sem Nome” é o evangelho tipo “Século XX” soa demasiado atrevido. Talvez porque só o tempo – essa pequena praça que se estende à frente de um edifício de grandes proporções – possa dar a perspectiva suficiente para julgar se existe a necessidade de um novo evangelho ou se esta ou outra obra representa o símbolo esperado para o misticismo atual. No entanto, esta nova obra de Jorge Adoum contribui – e para dizê-lo não precisamos que os anos se escoem - para a conformação moral do indivíduo novo. A verdade é que hoje em dia a grande massa humana vive despreocupada no que tange a religião como rito ou como filosofia. É que já tínhamos construído nossas bases e alicerces éticos quando nossa infância se desenhava entre cabeleiras cacheadas e olhos brilhantes. Há que buscar uma nova moral, sem preconceitos ridículos, e um novo Evangelho sem “mistérios”, nem “milagres” para a conformação das novas infâncias.

8.

Eu dizia que não era este o livro esperado. Não é, porque sempre apresenta algo de individual, algo que é próprio de Adoum. Seu pecado juvenil, a política, o faz exteriorizar conceitos que poderiam não estar de

acordo com o momento eminente e decisivamente político, nem com o resto dos homens. Seria difícil aplicar seus conceitos políticos a Mirabeau e Danton, a Espártaco, aos Gregos, a San Martín, a Bolívar ou a Lenine. E, noutros temas, prevalece sua personalidade sobre o universal... isto, no entanto, encontra sua razão de ser no fato de que Jorge Adoum não é um profeta, nem um enviado. É, simplesmente, um artista que, nesta sua última obra, supera a si mesmo de um modo notável. Supera a si mesmo, porque é uma obra para todos. Não para todos e para ninguém, como o evangelho de Zaratustra, com o qual muito se assemelha. Para todos, porque todos podem e devem compreendê-lo. Em seu relato Adoum degusta o extraordinário, como se não tivesse encontrado elementos artísticos na vida diária. Seus personagens não vivem sua própria vida, mas aquela que Adoum lhes empresta. E todas as cenas terminam biblicamente. Há um fecho moral em todos os relatos que – como se disse certa feita – pode cumprir uma missão, mas diminui os quilates da arte contista. Esta é uma grande obra, eminentemente moralizadora, profundamente reflexiva, amenamente filosófica e agradavelmente lírica. Com muito de si mesmo, é bem verdade. Onde, porém, ficaria o matiz característico de cada autor e de cada obra se tal coisa viesse a ser destruída? A fantasia platônica, muito semelhante à de Garcia Lorca, por seu feminismo, poderia ser explicada sem estudar, antes, a conversão sexual de ambas? O “Emílio” de Rousseau, assim como toda a sua filosofia, poderia ser explicada sem conhecer sua evasão íntima rumo à solidão ou a existência de seu doloroso masoquismo? Poderíamos decifrar a obra de Proust e do apóstolo Dostoiévsky sem, antes, analisar sua personalidade anormal?

9.

E eis que Jorge Adoum não nos vem trazer a “palavra do Senhor”. Ele vem refletir e fazer-nos meditar sobre a vida que gira à nossa volta, sobre os homens a quem vemos todos os dias. Sobre os problemas diários e ainda sem solução.

Sua obra, que considero a melhor, a mais integral e completa, vista em conjunto é obra moral e filosófica feita consoante a sensibilidade da humanidade de hoje. De qualquer raça e de qualquer continente. De qualquer tendência... Quase, até, de qualquer idade. É uma contribuição ao monumento que amanhã havemos de conseguir erigir: o super-homem verdadeiro e não a ínfima redução humana, o “super-homem” que eletrizou o mundo durante tantos anos. Não a criação de mitos para ignorantes, mas a superação de débeis e

enfermos, assim como de sadios, para chegar àquela meta que todos, alguma vez, nos propusemos alcançar, sem lograr prosseguir. É somente, uma contribuição. Até que venha – quem sabe quando e donde? – aquele que dite o evangelho definitivo que todos, absolutamente todos os seres humanos sigam conscientemente.

Quito, maio de 1945.
JORGE ADOUM (FILHO)

A ESTÓRIA D' OLIVRO SEM TÍTULO DE UM AUTOR SEM NOME

Tinha 21 anos quando nasci pela segunda vez e em meu segundo nascimento abriram-se-me os olhos à luz deslumbradora.

Até então eu era um náufrago no oceano das impressões naturais e no pélago das inspirações nascidas em livros e compêndios. Minha vida serpenteava entre o amor e a dúvida e minha alma era semelhante a um deserto: tragava tudo e não produzia nada. Buscava em vão um objetivo para a vida e procurava, inutilmente, decifrar o seu porquê. Minha cabeça, assim como a loja em que eu trabalhava, tinham um ponto em comum: ela tinha reunido, teoricamente, muitas ciências e todas as artes, ao passo que, na loja, seu dono havia reunido toda espécie de artigos. O dono da loja, no entanto, tirava proveito disso, enquanto na minha cabeça só havia

confusão pairando sobre mim, como o Espírito sobre as águas, na Gênese.

Quiseram meus falecidos pais que eu aprendesse algum ofício, embora a idéia me soasse como blasfêmia. Eu, o jovem intelectual, que escrevia versos, que falava bem, transformar-me em sapateiro ou carpinteiro? Não, mil vezes não! Eu não podia dividir minha inteligência em duas partes e o intelectual não pode ser um operário. Por que motivo as revistas e jornais negavam-se a publicar meus artigos? Por vários motivos e o maior deles era o fato de a ignorância não saber apreciar as jóias literárias. Redatores e leitores são gente ignorante. Quantos exemplos existem nos clássicos antigos de pessoas que não foram apreciadas enquanto vivas, mas apenas depois de mortas? O ambiente em que eu vivia era retrógrado, eu não devia ter nascido nele, mas – que fazer? - uma força cega e ao mesmo tempo louca obriga o homem a nascer aonde não convém. É preciso ter paciência.

A maior sabedoria é o conhecimento de si mesmo e eu me conheço perfeitamente.

Nasci em fevereiro e nesse mês nascem apenas os reformadores da humanidade. Hei de ser um deles, de pais pobres, não importa, pois os mais ilustres sábios saem das casas de cômodos.

Embriago-me algumas vezes por semana. Isso não tem importância, porque é sempre agradável aos poetas adormecer seus sentimentos. Sou um tanto libertino. Quem não o é em nossos dias? É preciso seguir a civilização e não investir contra ela.

Conheço-me, enfim, e o leitor também me conhece: um jovem moderno, intelectual, pobre e preguiçoso. Um zangão na colméia da minha família.

Aquela lei, porém, a que chamei de cega e louca, está sempre fazendo das suas. No decurso de um mesmo ano meus pais faleceram, deixando-me a orfandade por herança. Meus melhores amigos afastaram-se do cheiro insuportável da minha pobreza. Minhas amigas fugiram da minha presença como se eu exibisse na testa o sinal posto por Deus na testa de Caim, enquanto meu estômago, o pior inimigo, clamava continuamente, sem me deixar um só momento tranqüilo.

Maldita é a pátria que não sabe honrar seus profetas e reformadores. Tenho de abandonar-te. Meu pai sempre repetia esta máxima: “Quando te ameaçar a estreiteza de um País, foge para outro”.

Vendi meu relógio, presente de aniversário de meu pai, minhas melhores roupas de então e os últimos móveis de minha casa e numa noite obscura desapareci de minha cidade natal.

Andei dois meses a pé procurando emprego, mas, como não sabia fazer nada, não encontrava colocação. As cidades estavam cheias de desocupados e tive de fugir para as povoações pequenas. Como consegui manter-me durante esse período? Tal pergunta não é essencial, pois não estou escrevendo minha autobiografia. O certo é que cheguei a um povoado muito pitoresco, de clima bastante benigno, pedi emprego na única loja que existia naquela região e seu dono apenas pousou uma pergunta: “Sabes fazer cálculos? Sabes? Então ficas comigo”.

Nos, que vivemos nas grandes cidades, esquecemos ou ignoramos completamente a vida dos que habitam as povoações pequenas que circundam todos os Países. A corrente civilização moderna arrastou-nos ao mar bravio e esquecemo-nos da formosa filosofia campestre, cuja vida simples está cheia de pureza. Somos mais ricos, porém os habitantes dos campos são mais nobres de espírito. O aldeião ri como a primavera e chora como o inverno, ante sua alegria e sua tristeza. Seus lábios jamais conheceram o sorriso hipócrita, nem seus olhos as lágrimas de crocodilo.

O lavrador sai bem cedo carregando seu arado, com seus bois arriados, ouvindo o canto do melro e o sussurro das ramagens. Ao meio-dia aproxima-se de um riacho, almoça com invejável apetite, deixando migalhas aos pássaros, e, de tarde, quando o horizonte absorve o disco solar, volta para sua casinha e senta-se, alegremente, para ouvir o gorjeio dos pequerruchos e para desfrutar de seus abraços.

No inverno, vemo-lo sentado perto do fogo, ouvindo o sibilar do vento e o clamor dos elementos.

A vida da povoação na qual encontrei emprego encantou-me e paulatinamente adaptei-me a ela, até que se transformasse numa parte de mim mesmo.

Era um dia de primavera. A chuva havia cessado e a natureza começou a despertar de seu letargo. As neves haviam desaparecido, embora emprestando sua brancura às macieiras, pereiras e amendoeiras, naquela pequena cidade eu havia adquirido o hábito de levantar cedo, fazendo em seguida um passeio matutino. Às vezes ia até o rio próximo e outras vezes ia ao bosque para contemplar aquele encantador despertar da natureza.

Numa daquelas embriagadoras manhãs tomei o rumo de um caminho que conduzia a uma colina situada ao sul, do povoado, donde se descortina uma vasta região daquela província, com alguns picos brilhantes e distantes, cobertos de neve, únicos restos de um inverno extinto. Era u'a manhã muito bonita e calma. O céu estava limpo de toda mancha. Minha alma assemelhava-se a um espelho aonde se refletia formosura do panorama e meu coração à fenda dos vales que repetem o eco do gorjeio dos pássaros. O sol preparava-se para sair de trás das montanhas, libertando-se das cadeias noturnas, tal como os pensamentos libertam-se da imaginação dos poetas. Eu contemplava o orvalho depositado sobre as folhas, que pareciam brilhantes incrustados em esmeraldas. Às vezes levantava os olhos em direção aos picos cobertos de neve e via aquele matiz dourado que o sol arremessa sobre a brancura e me pareceu que o Grande Joalheiro fundia prata e ouro em seu crisol.

Por fim, cheguei ao topo da colina. O disco solar assomava, lentamente, por trás da montanha, como se u'a mão invisível o detivesse em seu movimento elevatório ou como se estivesse cansado, como eu, de subir a encosta.

Pela primeira vez quis e pude contemplar a saída do sol. Mas – que se passa? – noto que não estou sozinho no cume. Ouço uma voz humana.

Adianto-me alguns passos e vejo um homem de pé, a sessenta metros de distância, mais ou menos, em postura bastante extravagante. Seu rosto na direção do sol, seus braços estendidos como quem quer abraçar ou repelir alguém ou alguma coisa. Balbuciava palavras estranhas e incompreensíveis, às vezes traçava no ar signos e figuras bizarras com a mão direita, produzindo vários sons articulados, dos quais de nenhum me posso lembrar.

“Que faz este homem, com quem está falando e que significam seus gestos?” Formulei essas três indagações interiormente e uma só resposta dei a mim mesmo: “É um louco”.

O temor impedia que eu me aproximasse dele, mas a curiosidade incitava-me a observar os seus menores movimentos. Por fim, e depois de longo tempo, fui vencido pelo medo e, para justificar-me, disse: “Já é hora de voltar ao trabalho”.

A curiosidade é, por vezes, o verdugo do homem. Atendia aos fregueses, mas em minha mente flutuava a imagem daquele ser estranho. Quis afasta-la com meus afazeres, mas meus esforços resultaram inúteis. Cada vez que eu ficava sozinho na loja, a

inamovibilidade apoderava-se de mim e meus olhos cravavam-se num ponto que posso classificar de imaginário, enquanto meu pensamento flutuava em torno de uma só idéia.

-“Bom dia, jovem”.

A voz do recém-chegado acordou-me do sonho, porém de uma forma brusca e, não o nego, tremi como quando uma pessoa nervosa e desprevenida leva um susto. Era aquele homem, o motivo de minhas preocupações!

-“Por que se assustou?” continuou ele. “Isso demonstra que você é dos tais cuja atenção nunca está concentrada no que fazem. Meu jovem, você tem de reprimir esse mau hábito e desenvolver essa faculdade, porque sem ela nada mais fará senão complicar-se sem motivo e sem resultado . . .”

Nesse momento meu patrão entrou na loja e o desconhecido continuou:

-“Dê-me duas libras de açúcar e dois pacotes de sabão.”

Atendi, silencioso, ao cliente. Ele pagou o valor das compras e despediu-se.

-“Patrão! O senhor conhece esse homem?”

Ele me olhou demoradamente e respondeu:

-“Ninguém, no povoado, pode responder a essa pergunta. Conheci esse homem há dois anos, quando aqui chegou. Comprou uma herdade a um quilômetro do povoado e ali vive com um servo mudo, pois ninguém o ouviu falar. Dizem que se chama Amenti, mas nunca lhe perguntei isso. Não visita, nem é visitado por ninguém. Todos o querem como a um pai. É o ídolo dos meninos do povoado. Muitas vezes reúnem-se com ele às margens do rio e ouvem histórias fantásticas, mas de fundo moral. Os pequeninos voltam alegres sempre que se reúnem com ele, asseados e respeitosos. Tínhamos um menino insuportável no povoado, cuja única ocupação era comprar discursões e brigar. Três vezes foi expulso da escola devido a mau comportamento e foi, certa vez, até a margem do rio, a fim de maltratar seus companheiros, enquanto estes privavam da companhia do misterioso estrangeiro. Este, então, chamou-o para perto de si e não se sabe o que sussurrou em seu ouvido. Desde aquele dia o menino se transformou num modelo de retidão e educação. Dizem que é como um déspota para com os adultos. Um dia um mestre-escola quis entabular conversa com ele, após o haver examinando uma pedra, e disse: - “Afirmam que esta rocha vulcânica foi expelida por um vulcão em 1330. Que lhe parece?” O desconhecido olhou-o

atentamente e respondeu: “Pergunte a sua avó, que é mais velha do que eu”. Disse isto e voltou ao detido exame que estava fazendo. Conta-se, aqui no povoado, mil estórias a respeito dele e de seu isolamento. Uns dizem que é um filósofo que se afastou do mundo para escrever suas idéias e outros dizem que é um misantropo. O certo é que até hoje ninguém conseguiu penetrar em sua vida misteriosa.”

Nesse momento entraram alguns clientes. Meu patrão teve de cortar a conversa e eu tive de sofrer o indizível, pois nem sempre ele se mostrava comunicativo.

As semanas passaram e a vida misteriosa daquele desconhecido continuou excitando sempre a minha imaginação e enchendo os meus pensamentos. Durante várias noites sonhei com ele e acordava alegre desses sonhos. Recolhi dados sobre o nosso homem, mas eles eram confusos e contraditórios. Todos os domingos e feriados rondava, durante algumas horas, a herdade aonde ele vivia, como verdadeiro sabugo. Várias vezes a tentação de bater na porta e entrar foi grande. Mas ... com que pretexto? Que diria para justificar minha visita?

O desejo é um poder ingente. Hoje compreendo esse segredo. O sábio que afirmou que “querer é poder” deve ter sido um super-homem. O homem que sabe o que quer obtém, infalivelmente, o que deseja. A grande maioria da humanidade, no entanto, alimenta desejos fugazes e pensamentos quiméricos.

O pensamento é a forma mental abstrata que possui todo o poder em estado latente. É como o homem adormecido, que não se dá conta de nada. Mas, quando desperta de sua morte momentânea, reativa sua atividade. Assim é o pensamento: enquanto flutua no cérebro sem um desejo é como um cadáver inerte, mas quando se satura com o desejo enche-se de vida e se converte num ser criado que adere àquele de quem emanou, tal como uma sombra, para recompensar ou castigar segundo sua índole ou natureza.

Num quente dia de junho, estava eu sentado à margem do rio. A natureza sorria, alegre como a mãe que deu à luz um filho. Enquanto eu contemplava as águas que serpenteavam por entre enormes pedras, produzindo aquele ruído característico, semelhante a quem canta hinos de liberdade, ouvi uma voz que me dizia: “Jovem, o ruído do rio te hipnotiza. De outra vez não deves colocar-te tão perto da água, se quiseres contemplá-la”.

Era nada mais, nada menos que o misterioso Amenti que me dirigia a palavra. Tratei de ficar de pé para dizer-lhe alguma coisa, mas não pude articular mais do a palavra “Senhor”.

Ele, então, me disse num tom algo suave, deixando desaparecerem de seu rosto quaisquer sinais de rudeza:

-“Jovem, faz tempo que me persegues com o pensamento e muita vezes quisestes entrar em minha casa. Que queres de mim?”

Procurei abrir meu coração para ele e dizer-lhe muitas coisas, mas minha língua permaneceu imóvel. Só meu olhar suplicante interpretava meus pensamentos e desejos. Ele sorriu para mim. Sentou-se a meu lado e colocou sua mão direita sobre meu ombro. Não posso explicar o que senti. Um tremor delicioso apoderou-se de todo o meu corpo, igual àquele que experimentei quando, ao tempo de meu primeiro amor, ouvi estas palavras: “Sim, eu te amo”.

-“Acalma-te, filho, porque sem serenidade não podes chegar facilmente ao fim da jornada. Da contemplação do rio deves extrair uma lição: quando estiveres com sede, não deves olhar para a água que se foi, mas para aquela que vem na tua direção para saciar a tua sede. Da mesma maneira, a sede do saber não se acaba com a agitação e a curiosidade. Estou lendo teus pensamentos. Tu me persegues dia e noite, queres conhecer-me e aprender algo de mim. Teu desejo não me desgosta, mas incomoda-me tua curiosidade. Sê menos curioso e te educarei gratuitamente. Erraste muito nos poucos anos que já viveste e é preciso sofrer as conseqüências”.

Aquele tom suave de voz animou-me um pouco e pude dizer:

-“Senhor, efetivamente sou alguém que tem sede e meu espírito é um precipício sem fundo: nada o satisfaz, nem consegue enche-lo. Sinto-me, às vezes, capaz de abarcar o universo inteiro em meu coração, mas também existem vezes em que me sinto tão pequeno quanto o mais miserável verme da terra. Sinto que há em mim dois seres, duas identidades, duas pessoas que não sei como chamar: uma busca o amor, a felicidade, a beleza, a luz e a eternidade, enquanto a outra adere à ambição, à desgraça, à treva, à ignorância. Meu coração converteu-se num cenário dessas contínuas contendidas. Nenhuma delas quer ceder e tenho de suportar a ambas. Que serão esse desejos e essas idéias que voam e passam por mim como uma revoada de pombos? Que serão esses resultados tristes e alegres que abraçam minha alma e meu coração? Que serão esses olhos que me olham dia e noite e essas vozes que choram pelos meus dias e cantam pela minha juventude?”

Que será esta vida que brinca com os meus sentimentos e se alegra com a minha insignificância? Que será este mundo que me conduz ao desconhecido? Que significa esta terra que escancara suas mandíbulas para tragar os corpos e abre seu peito para suas ambições? E esse homem por amar a felicidade sem possuí-la, que pede o beijo da vida e é esbofeteado pela morte, que compra um minuto de prazer por um ano de arrependimento, que corre como os rios da ignorância para um golfo de trevas? Quem sou eu? Quem é Deus?”.

O senhor Amenti escutava as minhas palavras com um sorriso nos lábios. Não sabia se era por brincadeira, por compaixão ou por interesse. Sua fisionomia era insondável. Seu olhar tão penetrante quanto a luz do sol que ninguém consegue sustentar. Por duas vezes cruzei o meu olhar com o dele e senti um forte golpe entre as sobrancelhas, eu falava olhando às vezes o rio e outras as ervas das margens.

-“Jovem, tuas palavras trouxeram a minha memória recordações da minha infância. Quando tinha cinco anos dirigia a meu pai perguntas, cujas respostas jamais consegui entender. Perguntas com estas: “Por que as estrelas estão sempre acima de nós? Por que o sol se põe?” E minha mãe, para satisfazer àquelas perguntas, dizia: “Porque nós estamos debaixo delas e o sol vai dormir como todos nós porque tem sono”. Neste momento encontro-me na mesma situação de meu pai: não sei como responder-te. Tu queres ver o Universo e decifrar seus enigmas com os olhos e a inteligência humanos. Pobre néscio! Vai ao campo e encontrarás a abelha beijando as flores e o leão arrojando-se sobre a sua vítima. Sê como a abelha: não desperdices os dias da Primavera contemplando o leão. Tu, que pretendes conhecer os mistérios do universo, ocorreu-te alguma vez a idéia de estudar, pelo menos, o teu corpo físico? Tu és como aqueles que desejam reforma o mundo, mas são, eles mesmos, os mais precisados de reforma. Sê, meu filho, como uma criança e brinca com teus brinquedos enquanto sirvam para isso, embora não devas chorar ao perdê-los. Tudo o que vês já foi e será para ti. Se não fores dual não poderás ter uma existência objetiva. Deves contemplar a luta que se trava dentro de ti, porque ela é o emblema da existência. Tuas idéias e pensamentos são teus instrumentos criadores. Os resultados tristes e alegres são a semente que teu Passado semeou no campo da alma, e teu futuro colherá frutos. A juventude que brinca com teus desejos é a mesma que abrirá teu coração à luz. São as mandíbulas

da terra que livram tua alma da escravidão do corpo. Não é o mundo que te conduz ao desconhecido e sim tu é que estás conduzindo o teu mundo ao seio do Infinito. Dize-me: por que as aves no céu e as flores no campo vivem sempre felizes? Por que elas não temem a Mãe-Natura, apesar de sua cólera e de suas tempestades, enquanto os homens a observam por trás das vidraças? Vai-te, meu filho, vai-te e deixa que a chuva te beije, porque ela te ama, estuda a natureza em teu corpo e não temas pelo teu pêlo, porque ele é muito duro e não se dissolve, nem funde facilmente. Aproxima-te de tua Mãe e aprenderás com ela a lealdade, a força e a magnificência.

Sim, tu estás num barco a ponto de ser tragado pelas furiosas ondas do mar, não deves perder tempo chorando ou a formular queixas, porque o pranto e o queixume afastam teus sentidos das belezas naturais que se encontram a teu redor. É a Mãe- Natureza com seu terror e seu poder. Não digo que não devas orar a Deus para salvar-te, mas que deves agradecer a Ele porque te deu a oportunidade de ver o pélago em fúria e experimentar aquelas sensações que emanam de suas ondas bravias. Não crês que essa visão é digna de que a contemples? Será, acaso, todos os dias que podemos ver essas raras maravilhas da natureza?”

-“E se as ondas me tragarem?” – perguntei, sem dar-me conta do que havia dito.

Amenti olhou-me com o rabo dos olhos e respondeu num tom não desprovido de brincadeira:

-“Acaso mereces a honra de ser tragado pelas ondas enfurecidas? O covarde morre cem vezes por dia e não merece morrer uma só vez em combate. No entanto, suponhamos que a Morte te surpreenda no mar ou na cama. Acaso isso pode diminuir alguma coisa em tua alma eterna? Por que ter medo? Acaso o homem pode ter medo de Deus? Não seria absurdo que um filho da Natureza tivesse pavor de sua mãe? Pode o espírito eterno e real ter medo de algo irreal? Não reprovos, contudo, a tua covardia. É uma herança de teus antepassados. O que deves fazer, a partir de ti de hoje, é mudar o ritmo de teus pensamentos e afastar de ti toda idéia negativa. Como? Basta pensar sempre bem ao teu respeito e a respeito dos demais. Busca o belo no feio, a luz na sombra, a saúde na doença e a felicidade na desgraça”.

Passaram-se meses sem notícias daquele ser incompreensível, pois, após meu encontro com ele, desapareceu repentinamente do povoado.

Eu continuava em meu emprego, silencioso e meditabundo. As palavras ditas pelo desconhecido ficaram gravadas em letras de fogo na minha memória e eu sentia que elas fermentavam em meu cérebro. A cada novo dia e a cada nova noite eu procurava penetrar o sentido de cada frase, valendo-me das comparações para entender melhor.

Nos dias festivos ou de férias, saía de manhã cedo de meu quarto e vagava pelo bonito vale do rio. Escutava a Natureza a chamar-me e aceitava o seu convite. Errava entre as pedras e chegava ao coração do bosque.

la, não em busca de descanso, mas de inspiração. Ia como um lenhador, porém usando o pensamento como machado e minhas idéias como carga.

Um dia, daqueles que ficam perplexos entre o outono e o inverno, desci ao vale e escalei uma enorme rocha de onde pude contemplar o rio e ver os efeitos da tempestade do dia anterior, noite em que se realizou o casamento do deus inverno com sua querida noiva, a Natureza. As águas do rio estavam vermelhas como sangue, suas pedras entrecrocavam-se com fúria e me pareceu ouvir o estampido de milhares de canhões longínquos.

Contemplei, extasiado, aquele panorama e senti que meu espírito separou-se do corpo, voando por cima das árvores molhadas e das rochas vermelhas no verão e negras no inverno. Ele vou e voaram com ele todos os meus pensamentos, desejos e ilusões. Senti que o espírito do vale se tinha apoderado de meu copo e acreditei que eu e ele éramos um só ser: em minha alma havia, como nele, sombras, fantasmas e grutas; havia rochas, árvores, rios, pássaros, insetos e tudo que a Natureza pode ter. Que diferença havia entre eu e aqueles seres? Absolutamente nenhuma. Sentia que eu era o Todo neles e que eles estavam todos em mim.

Em que estado me encontrava? Sonhando? Estava, porém, em perfeito estado mental. Via, raciocinava comigo mesmo, embora não me sentisse como uma pessoa isolada e sim como um conjunto de seres, a um tempo unido e separado deles. Positivamente, meu estado devia ser anormal...

Terão pensamentos e raciocínio os pássaros e as plantas? Eu lia seus pensamentos e elas também liam os meus. Ouvi o canto de um pássaro e compreendi o que ele dizia. Respondi-lhe, não sei como, e

ele me entendeu e voou até mim e pousou a meu lado, gorjeando com alegria durante alguns momentos. Vi, depois, que alguns outros, de espécies diferentes, também vinham até mim, sem temer-me e acreditei que os acariciava.

Quando era garoto, meu pai contava que o sábio Salomão falava com as aves do céu. Teria eu me transformado em Salomão?

Sentia-me banhado por uma atmosfera desconhecida, mas que podia experimentar. O bem-estar que eu experimentava devia ser obra da minha imaginação. Algo, porém, em mim, repelia esse juízo da minha razão e essa foi a primeira vez na minha vida que assisti a um conflito entre a razão e o sentimento: uma afirmava a realidade dos fatos, enquanto a outra criticava as excursões da minha fantasia.

Fosse o que fosse, estava feliz naquele estado. Nesses momentos eu era um foco de amor e sentia que o Universo recebia sua vida de meu Amor. Todo o meu ser exalava algo que vivifica e essa sensação me era muito agradável. Profunda ternura acrescentava-se em meu peito e desejava tomar todo o Universo em meus braços, com todos os seus seres, coloca-lo sobre o coração e nina-lo, como uma mãe carinhosa ao filho amado.

Teria aceito toda sorte de sofrimentos, contanto que o mundo fosse feliz e próspero. Onde vinha tanto carinho? Sentia que meu coração se dilatava para abarcar o tudo. O sentimento era tão intenso e tão profundo que transcendia à alegria e à tristeza.

Compreendia, então, a doçura do dor, o encanto do sofrimento e a amargura da alegria. É muito difícil explicar as sensações do estado em que me encontrava, quando o prazer e a dor se mesclam, sem possibilidade de separação.

Eu me encontrava numa doce paz. Certa espécie de calma eterna. Mas, quem aceitaria que a calma tem uma melodia que não pode ser comparado com a humana? Por que motivo esta é, ante aquela, um ruído ensurdecador, um ruído sem significado? E que significado pode ter o som que não emane da calma? Naqueles momentos pensei nos morfinômonos, nos espiritualistas e nos budista; naqueles que se embriagam pela fé ou pelo ópio e se elevam com seus sonhos para além da Natureza ou descem ao mais inferior de seus elementos.

Tudo falava à minha volta, tudo brilhava, tudo emitia sons e cores diferentes, mas harmoniosas com as demais. Pareceu-me que o sol era um imenso órgão cujas teclas eram acionadas por seres visíveis e invisíveis.

Estava eu, contudo, vendo e ouvindo? Não sei responder. As palavras ver e ouvir são, aqui, utilizadas para facilitar a compreensão. Não era, porém, ver e ouvir o que eu experimentava. Que era, então? Não posso explica-lo, embora o sentisse. Sim, eu estava sonhando, é verdade, e o sonho era extraordinário. Seus detalhes eram de uma realidade notável. Mas, se era um sonho, aonde estavam as características principais que o distinguem, como, por exemplo, o enfraquecimento da consciência pessoal?

A análise não confirmava nada disso. Minha atenção fixava-se com facilidade sobre determinado ponto. Minha vontade guiava-me sem alteração. Meu juízo estava intacto.

Procurei recordar e ver muitas coisas e consegui ver, recordar e sentir a atividade de minha consciência pessoal.

Por fim eu via a mim mesmo, ao meu corpo. Foi quando me convenci de que meu estado era anormal. Meu corpo estava estendido, transparente, perfurado por um sem número de pequenos orifícios. Todos os órgãos interiores funcionavam, porém lentamente. Ao redor daquela massa transparente havia outra, mais sutil, semelhante à luz que rodeia as lâmpadas elétricas nas noites de neblina.

Isto me surpreendeu muito, porque era uma sensação nova para mim. Não tive medo, mas assombro e perplexidade ao mesmo tempo. “Que devo fazer?” perguntei-me. “Que se passa? Será isto a morte? Não, não pode ser, porque me sinto vivo.”

Depois de observar atentamente o corpo físico adormecido, semimorto, senti-me arrastado a entrar numa estranha atmosfera, como se alguém me empurrasse contra elas. Ali entrei com a convicção de haver viajado por grandes distâncias. Porém, ao voltar meus olhos para meu outro corpo estendido, verifiquei que não me havia afastado nem um metro de meu posto e que meu corpo continuava adormecido. Diante de mim via faixas de luz fosforescente, com matizes e tonalidades diferentes.

Via linhas azuladas que atravessavam o espaço e notava auréolas em torno de cada objeto, como um estojo que os impedissem de serem fragmentados. Contemplei e meditei sobre esses fenômenos.

Que maravilha! Como meus movimentos estavam céleres!

Naquele estado quis ver minha cidade-natal, a meus amigos e, sem entender como, encontrei-me nela e vi a quem desejava ver. Teria me transportado para aquele distante lugar? Não podia ser,

porque estava ao lado do meu corpo. Aquele lugar, então, tinha vindo a mim? Era pouco provável que assim fosse. Não posso explicar o fenômeno, mas sei que ele era real.

Por cima da cidade nuvens de colorações extravagantes flutuavam no espaço e essas nuvens coloridas devoravam-se entre si, subsistindo a mais radiante que, ao absorver as demais, aumentava a intensidade do próprio brilho.

Vi alguns de meus amigos, assim como alguns inimigos, que desilusão! Cada um deles estava cercado por uma atmosfera luminosa de várias cores, mas em cada um deles predominava um matiz determinado e todos eram sujos.

Um de meus melhores amigos falava e deixava sair da própria boca seres repugnantes de diversas cores.

Não sei por que motivo senti por ele profunda paixão. Quis aproximar-me e impedir que continuasse falando, porque via que suas palavras eram como répteis que voltavam para ele a fim de devorar-lhe o coração, mas não me foi possível manifestar essa intenção.

Pensei, depois, numa pessoa que considerava como inimiga, porque várias vezes me havia chamado à atenção. Vi-a sentada em seu escritório, meditando, e ao redor do seu corpo havia uma nuvem amarelo-dourada com matizes azuis. Senti impulso de ajoelhar-me ante aquele ser e pedir-lhe perdão. Quis, até, beijar a sua mão. Como estivera enganado! Àquele ser a quem se devia amar e respeitar eu havia transformado em inimigo e até, por vezes, chegado a odiar.

No estado em que me encontrava esqueci-me daquilo que atende pelo nome de ódio. Quis, várias vezes, recordar aquela sensação, mas tal coisa não foi possível. Eu era um foco de amor, de carinho e não cabiam em mim outros sentimentos.

Posso assegurar, sem medo de estar enganado, que naquele estado o poder do desejo é tudo. Bastava que eu desejasse alguma coisa e a coisa vinha até a mim ou eu ia até ela sem saber como, embora não saísse do lugar, ou seja, do lado de meu corpo inerte.

Enquanto contemplava minha cidade, observava que de cada casa saía uma espécie de fumaça ou neblina de várias cores. Também os homens que transitavam nas ruas estavam cercados daquelas mesmas nuvens de diversas cores e os matizes de um mesmo tom eram distintos em cada indivíduo. Bastava-me ver uma cor para sentir amor ou paixão pela pessoa que a desprezia.

Não posso saber quanto tempo permaneci mergulhado naquele delicioso sonho. Por fim, lembrei-me daquele estranho ser que não

tinha mais visto há muito tempo e do qual não ouvira mais falar. Aonde estaria? Por que não podia vê-lo, como tinha visto meus amigos?

Antes que terminasse de formular tais perguntas, vi o Sr. Amenti muito perto de mim num estado especial. Cravava em meu corpo estendido o seu olhar e de seus olhos saíam raios de luz bastante intensos que envolviam todo o meu físico. Não tive tempo de averiguar nada do que fazia, porque o ouvi dizer:

-“Como fostes dormir em cima dessa pedra? Levanta-te”.

Olhei para meu interlocutor, que era o próprio Amenti, e disse:

-“Eu estava dormindo, senhor?”

Ele sorriu e respondeu:

-“Segue-me”.

Conduziu-me, então, a sua casa. Portão, jardim, porta, corredor, sala e, logo em seguida, um quarto grande provido de biblioteca.

Aproximou-se do escritório, abriu uma caixa grande e tirou dela um manuscrito bem enrolado e amarrado por um cordão de seda lacrado. Entregou-mo, dizendo:

-“Tudo que te posso ensinar encontrarás neste livro. Leva-o. Está é a última vez que nos encontramos neste mundo pequenino. Mas escuta bem o que te vou dizer: tu não podes romper o selo deste livro, senão quando tiveres o dobro da idade que tens agora. Ai de ti se desobedeceres a este mandamento! Vai em paz e lembra-te de mim e das minhas palavras. Jura-o!”

Jurei e saí tremendo da presença daquele raro ser, carregando o manuscrito com todo o carinho.

+ + +

Hoje, após 21 anos e poucos meses mais, esgota-se o prazo daquele juramento.

Com as mãos tremendo rompo o selo do cordão de seda. Desenrolo o papel que protegia o livro como quem profana um túmulo para roubar uma prenda do morto.

Um suor frio banha-me a fronte.

Minha respiração torna-se difícil.

Mas, por fim, descubro o livro. Separo o frontispício com o dedo, levanto a primeira folha branca e leio o seguinte:

O LIVRO SEM TÍTULO DE UM AUTOR SEM NOME

Capítulo I

A LIBERTAÇÃO

Durante quatro dias, nove meses e quarenta e dois anos estive preso um ser humano, cujo nome todos desconheciam, era conhecido como o inominado.

O Sem-nome. Em sua obscura prisão, preso a correntes de ferro, permanecia esquecido pelo mundo exterior, sofria o silêncio do próprio

espírito como num horto e a dor era a única companheira da sua solidão.

A escuridão desceu espesso véu sobre seus olhos, sua mente sofreu certa mudança e seu coração deixou de sangrar.

Sua memória perdeu a noção do tempo e do espaço e seu sentimento converteu-se no eixo do quanto e do quando.

Já não vivia, mas sentia que era a própria Vida e, embora não se movesse, imaginava ser o centro de todo movimento. E, certa manhã, indultaram-no, desprenderam-no das correntes e o trouxeram à luz do sol.

Tinha olhos, mas não via. Possuía os órgãos dos sentidos, mas não percebia. No entanto, via sem olhos e sentia sem os sentidos.

O carcereiro disse-lhe:

-“Inominado, recolhe os pedaços de tua alma que deixaste nesta prisão e traze-os à luz do sol. És livre. Vai-te”.

O Inominado exclamou:

-“O Astro-Rei! Não sou livre porque tua luz é escura para mim. Em seguida perdeste a sorte, porque não te posso ver. Minha liberdade faz com que tua luz seja escura, mas ao mesmo tempo minha libertação faz com que minha escuridão seja luminosa.

Pelos teus raios sobem as serpentes fugidias das cavernas dos olhos humanos e ante teu rosto dançam os escorpiões dos cérebros.

Nos dias que ainda virão teus raios varrerão as consciências para sepultar suas imundícies, de noite, no meu sentir.

Olha, Astro-Rei, tu que podes olhar: meu Sentir é como o oceano que tem o poder de clarear as consciências turvas.

Meu sentir é salgado e amargo, mas nos corações sedentos e nas bocas amargas será como fontes a emanar doçura e vida.

Olha, Astro-Rei, tu és um olho insensível e meu Sentir é um olho vivo. Tu olhas para baixo, para a imensidão do que existe embaixo. Eu olho para cima, para a imensidão das alturas.

Tu queres purificar tudo, mas eu purifico a ti.

De hoje em diante não serei eu. Estou farto da periferia. Eu serei o Centro”.

Quando assim falou o Inominado, o carcereiro, convencido de sua loucura, olhou tristemente para ele e, sorrindo compassivamente, disse-lhe:

- “Aonde queres que te leve?”.

O Sem-Nome respondeu:

- “A águia tem seu caminho no ar, a serpente na roda e a formiga no chão, mas eu sou o fim da viagem. Assim como o oceano sai do riacho e ao oceano volta.

Já não voltarei aos homens. Que os homens venham a mim.

A galinha não teme perder seus pintinhos quando estes correm e se afastam dela, porque ela sente que o centro encontra-se debaixo de suas asas.

Já não darei mais amor aos homens, mas lhe tirarei a ignorância.

Já não lhes venderei mais a felicidade, mas comprarei suas desventuras.

Não lhes oferecerei mais bens, mas carregarei suas ambições. Porque os homens não gostam dos presentes dos homens, embora adorem a quem lhes retira suas cargas.

Para eles a dor aliviada é mais apetecível do que a própria saúde. Eles procuram a doença para inventar o calmante.

A partir de hoje não serei para eles nem saúde, nem calmante. A partir de hoje converter-me-ei em mar, devorarei suas dores, beberei suas desgraças até que chegue o momento em que possa arrastá-los todos ao meu seio.”

Propagou-se em toda comarca de que, no centro, encontrava-se um ser Sem-Nome, que tirava os pecados dos homens, devorava suas dores e bebias suas desgraças.

E todos os homens sob o peso de suas desgraças arrastaram-se até ele e, após lhe arrojarem suas cargas, retornavam vazios e alegres.

Mas... como é doloroso carregar a tristeza alheia e quão fácil é lança-la sobre os ombros do próximo, sem mover qualquer dos dedos...!

Homens e mulheres produziam desejos, como fontes que se dirigem ao mar. Todos buscavam alívio banhando-se em suas águas.

E não faltou quem dissesse:

“Muito te amamos porque te damos o que temos”.

+ + +

Capítulo II

DA ENFERMIDADE

E vieram a ele muitos enfermos, assim falando com a voz lastimosa:

- “Senhor, carregai nossas doenças”.

E ele respondeu:

- “Por que relatais vossa plenitude com tanta tristeza? A doença é um luxo por certo bastante caro. Volvei à animalidade ou escalai a divindade, porém sem imitações e sereis sadios. Vossa imitação é a causa de vossas dores.

Buscai a mim para que carregue vossas enfermidades e esqueceis que a enfermidade é o melhor remédio e a dor o melhor médico.

Vós imitais e vossa imitação rompe vossa semente para que germine e fecunde. No entanto, tendes sempre medo da ruptura de vossa semente e fazeis como aquele corvo que quis imitar o modo de caminhar da perdiz e, não conseguindo, acabou esquecendo o próprio modo de andar.

A rã quis imitar a vaca e explodiu.

Só o animal e o divino podem viver sadios, mas haveis feito de vossa divindade uma humanidade.

A animalidade aceita, comprazida, as quatro estações, juntamente com a tristeza de suas mutações. Só a humanidade não consegue contemplar serenamente o movimento rítmico do ano.

Toda a saúde está dada e o círculo não admite aumento, mas vossa humanidade buscou as coisas boas em má origem.

Sede de ontem ou de amanhã, mas não deveis ter nada de hoje, porque o hoje é um poço sem água.

Sede animais ou divinos: comei e bebei como animais, aspirai como plantas e pensai como deuses e irradiareis saúde e força.

Não deveis ter piedade de vossa humanidade, porque a piedade asfixia e vos obriga a cometer o pecado de adoecer.

Sede inocentes em vossos desejos e bebei da fonte da Vida. Não deveis envenenar essa fonte de gozos com a vossa sede impura.

Vossas palavras são águas santas emanadas da Fonte da Vida; não deveis envenená-las com vossos sonhos impuros.

O humano é duplamente desavergonhado: adoece e relata carinhosamente a estória da sua doença.

Não vos posso dar saúde, porque toda a saúde está dada, mas posso livrar-vos das doenças. No entanto, para carregar vossas doenças, deveis dar-me, junto com elas, a vossa humanidade.”

Quando ele acabou de dizer isso, todos que o ouviam despojaram-se de sua humanidade e regressaram sãos e contentes. Somente um deles permaneceu no chão, olhando avidamente para aquele que tira as dores. E o Inominado perguntou:

- “Por que não quereis seguir vossos companheiros?”

E o único doente respondeu:

- “Se és um ladrão, tens de repartir comigo o fruto do roubo, mas, se és um salvador, gostaria de carregar a tua cruz. Não quero ser um animal sadio. Continuarei sendo humano e enfermo até escalar tua divindade.

Não me separo mais de ti, nem quero ser coveiro de animais.”

Ao ouvir isto o Inominado falou a seu coração e disse:

“Quem disse que Deus morre?”

E seu coração dilatou-se e absorveu aquele homem com sua humanidade.

+ + +

Capítulo III

DA MULHER ENGANADA

E veio a ele uma mulher e disse:

- “Senhor, que posso dar-vos para recuperar o amor do meu homem?”

E ele respondeu:

- “Mostrai-me vossa flor”.

E a mulher empalideceu, enquanto ele continuou:

- “Quem vos disse que não tendes uma flor? Vossa flor deveria adornar o coração de vosso homem e não apenas aromatizar seus pés.

Vosso cálice deve transbordar e derramar o vinho de sangue do coração e não a urina dos rins.

Por que derramásteis o líquido cerebral de vosso homem para encher o vosso vaso sagrado com o vinho babilônico?

Por que começásteis por apalpar o prazer em busca do amor, ao invés de buscar o amor que conduz ao prazer?

Vós não estais pedindo o amor de vosso homem, apenas o que fazeis é alimentar o amor com a astúcia do instinto.

Quem pede que sua astúcia caminhe ao lado da voluptuosidade pede coisas impossíveis à felicidade.

A mulher deve ensinar o homem o sentido da existência e ser o raio que ilumina a nuvem do cérebro e as brumas do coração.

A mulher deve ser a intermediária entre a humanidade e a divindade. Mas ... quão obscura é a mulher quando se detém na humanidade!

A fome impura da mulher devora o coração do homem e sua sede nefasta absorve o líquido de seu cérebro.

A mulher deve ser como a planta que se sustenta da luz do homem, mas sem necessidade de mata-lo para alimentar-se, nem de absorver o seu sangue para saciar sua sede.

Desde o momento, porém, em que a mulher pede o sacrifício, é preciso que transforme o seu próprio ventre num altar digno desse sacrifício.

A lei que empurra o homem à frente do altar da mulher é a mesma que faz o fogo descer do céu para consumir o holocausto.

A lei quer que a mulher atice sempre o fogo e é maldita aquela que tenta apaga-lo.

Por que haveis transformado o mar furioso do amor num lago tranqüilo?

Quem come de seu próprio pão até ficar farto e bebe da água da sua vida até ficar saciado, esse ficará sem pão e sem água.

Quando vosso homem se ajoelhou ante vosso altar, amortecendo vosso corpo, por que haveis consentido que vos adormecesse a inteligência? Não sabeis que a inteligência não pode dormir, a fim de que possa arrancar os recônditos arcanos da Natureza?"

Enquanto assim falava, a mulher dizia a seu coração:

"Será este o meu homem, para que possa ler em meu cérebro?"

E ele continuou:

"Dai-me vosso querer e adorai a vosso homem para que ele retorne. As mulheres não sabem distinguir entre os termos 'te adoro' e 'te quero'. 'Te adoro' significa 'te dou'; 'te quero' significa 'me dás'.

A adoração é a fortaleza do espírito gigante, que suporta muitas cargas e se alegra com o seu poder. Não pede, nem dá esmola; não se ajoelha para humilhar o seu orgulho, nem se orgulha para exaltar a humanidade. Ao contrário, consume-se no fogo da dor para dar brilho à sabedoria.

Querer errado é o próprio fracasso no momento de conseguir a vitória.

A expressão 'te adoro' consiste em amar os que nos desprezam e ajudar aos que vêm até nosso coração. A expressão 'te quero'

consiste em explorar aos que nos desejam, cujo querer deverão arrastar-nos a seus pés.

O 'te quero' espreita o caminho do amor como o dragão de sete cabeças e suas sete faces também repetem o termo 'te quero'.

Dai-me o vosso 'te quero' e deixai a semente da vossa adoração cair, silenciosa, no espírito de vosso homem e sereis um com ele e vossos corpos serão um só ponto na Unidade do espírito."

+ + +

Capítulo IV

O MATRIMÔNIO INFELIZ

E vieram a ele marido e mulher e disseram:

-“Senhor, que podemos dar-vos para termos harmonia em nosso casamento?”

E ele respondeu:

- “Quando o desejo e a paixão estão unidos, essa união engendra a infelicidade.

Há que santificar a união e terminar com todos os casamentos que velam à noite para discutir de dia.

O mesmo marido e a mesma esposa sentem-se envergonhados de dia ao recordar os sucessos da vigília noturna.

Possuir não é um ato difícil; mas, para possuir um corpo, é preciso ter antes conseguido identificar-se com seu espírito.

Três vezes tendes que beijar-vos de dia, mas, de noite, não deveis tomar o ópio da alma.

Dez vezes deveis buscar, de dia, as carícias apetitosas, mas é preciso manter famintos os vossos corpos.

Vossa mente é a mãe de vosso sexo e o sexo é o pai de vossas aflições.

Ninguém sabe disto, mas isto é a verdade. Há que saber adormecer a tempo as virtudes do sexo.

Saber despertar o sexo é saber ficar amigo dos deuses. Ignorar como faze-lo adormecer é ficar amigo dos demônios que aparecem como espectros à noite, acompanhados por exércitos de pesadelos.

O sexo é um rei que tem desejo de mando, embora ele seja como uma criança que pode distrair-se com o mais insignificante brinquedo.

Feliz é o casamento cujo mandatário é uma criança!

Bem-aventurados são os casamentos que brincam inocentemente com essa criança preferida até que a cansam e a fazem adormecer.

Bem-aventurados são se a criança é obediente e se não reage contra eles. Assim passam-se os anos e o casamento vive esperando o nascimento de uma felicidade que nunca nascerá, porque quando nasce deixa de ser felicidade.

Para viver feliz deve-se ter um pequeno tesouro oculto em reserva, porque a suma pobreza dá origem à discussão e a discussão abstracula o crescimento.

Bem-aventurados são os avaros de seus tesouros ocultos, porque eles podem oferecer a bondade do coração.

Quando o despertar bater à vossa porta, recebi esse hóspede com alegria, tratai-o bem e, depois, despedi-o com suavidade, tino e astúcia, tomando cuidado para que ele não fure nenhum de vossos pensamentos.

Todo o ritmo da vida consiste em velar para dormir o sono natural. Ai, contudo, do impertinente que venha perturbar a tranqüilidade do sono ou que provoque um despertar prematuro ou artificial!

Toda virtude repousa no despertar natural da Natureza e todo poder consiste em dormir sem pesadelos.

O melhor sentido na vida conjugal é o cuidado no despertar para não cair no sono forçado.

Todos os casamentos atuais são desarmônicos e, por isso, agonizam enquanto caminham. Dai-me, filhos meus, vosso despertar provocado e artificial e a harmonia de vosso casamento será muito mais uma consequência, do que uma recompensa.

Sede unidos durante o sono pela memória silente e separados durante o despertar.

Amai-vos uns aos outros, mas não façais do amor uma diversão.

Sede tons musicais completos e perfeitos, evitando os ruídos ensurdecedores.

Vivei juntos, porém não demasiado unidos; erguei-vos um perto do outro como colunas. Sede duais na Unidade e a mão da Vida tangerá as cordas de vossos corações.”

+ + +

Capítulo V

O COVARDE

Um jovem de boa aparência ajoelhou-se diante dele e disse:

- “Senhor, carregai a minha covardia para que eu seja valente”.

E aquele que mora no centro respondeu:

- “Todo aquele que teme perder os seus gozos bate com a cabeça nos muros do sofrimento.

O homem deve colocar seus ideais para além do homem, se quiser ser um valente.

Ide ao fundo de vosso ser, que é um oceano tranqüilo, de profundidade impertubável, aonde não podem chegar nem as falsidades, nem as gargalhadas satânicas.

Quando vejo um covarde, choro de pena, porque ele caminha como um corcunda que olha para o chão e respira como um febril.

De suas vestes pendem pesados ferros com formato de meia lua, que o impedem de subir.

A vida é uma luta e ai daquele que não vive para lutar!

A vida é um salto em arco por sobre os homens e ai daquele que se arrasta em linha reta!

Os olhos são matéria solar: se quereis viver na sombra, deveis devolver ao sol os olhos que lhe pediste emprestado.

Os olhos devem contemplar a luz, mas não o desprezo nos lábios e nos olhos.

O desprezo é treva.

Amai, amai a mulher e a torrente do vosso amor varrerá os sedimentos da vossa covardia.

O éter do amor elevará o homem tímido acima dos homens, transformando-o num ser de luz.

Amai a beleza e a beleza vos tornará livre das garras do medo. A beleza injeta no cérebro pensamentos de grandeza e faz com que eles esqueçam a vontade raquítica.

Quem contempla o próprio coração esquece os medos da mente e supera sua debilidade.

Buscai o Belo e sereis herói, porque todas as debilidades tombam ante o Belo, tal como as onda do mar bravio são detidas pelas rochas.

A vontade sublime é como a abelha, que só desce sobre a flor prenhe de mel.

O covarde é um parálitico, porque o medo paralisa nele o movimento.

Dai-me a paralisia da vossa vontade e erguei-vos como uma coluna cuja força está no centro.

Sede belo e resistente como a coluna do templo que sustenta o peso da fachada sem inclinar-se e vossa alma suportará o ardor dos desejos divinos, que vos encherão de um orgulho mais humilde do que a própria adoração”.

+ + +

Capítulo VI

OS POLITICOS

E aconteceu que quando os políticos e os estadistas souberam da existência daquele ser no centro, vieram todos a ele.

Antes, porém, que formulassem suas petições, ele dirigiu-lhes o seguinte discurso:

- “Vós vos haveis identificado com vossos vícios e com vossas dores: nem eu posso tirar nada do vosso todo, nem podeis dar-me nada. Não tendes corações para deles arrancar o egoísmo, nem possuís entranhas para delas extrair a crueldade.

Quero remediar vossa podridão, mas não encontro em vós algo de sadio para salvar-vos. Quero deter a derrocada de vossos Estados, mas devo, antes, deter o curso das noites.

Vossa cuidadosa profissão consiste em fabricar vidros coloridos para coloca-los ante os olhos do povo que vos observa entusiasmado, entregando-se com a fé a vossas mistificações.

Os que se atreveram a olhar-vos a olho nu viram os espectros da morte e morreram de espanto.

Tendes tentáculos, em vez de dedos, e ao invés de línguas, tendes sanguessugas.

Vós sois os verdadeiros vampiros.

Vossa verdadeira realidade é uma pílula de veneno corrosivo, coberta pela doçura de vossa enganosa ‘atualidade’.

Sois tambores sem entranhas e sem ouvido, mas que hipnotizam com ruídos.

Todo vazio é agitado e todo charlatão é vazio.

Sois coveiros e as tumbas são vossas entranhas devoradoras.

Se eu pudesse rir, acharia graça e, se pudesse chorar, choraria: acharia graça do povo cego que vos converteu em ídolos e choraria por vossa satânica mentira, que o faz crer que sois os melhores guias.

Que podeis dar-me e que posso receber de vós? O homem dá o que tem, mas vós sois o Mal e não voa atreveis a dividi-lo.

Quisera beber vosso egoísmo e vossa hipocrisia, mas o egoísmo é o vosso próprio ser e a hipocrisia vossa própria vida.

Não quero ter uma pátria, porque a enfermidade das pátrias reside na cabeça e, para que não perca minha razão, recolho-me ao centro.

Destruída a escada de meus desejos, do centro contemplo as alturas.

Dai-me vossos crânios para com eles formar um barco que conduza o povo à Única Pátria.

Se desejais que o mundo seja feliz, dai-me integralmente vossas existências ou ensinai aos homens que se guiam pelas leis naturais, pois os pássaros e os peixes não têm governantes, nem política”.

E ele quis continuar o discurso, mas não encontrou ninguém a ouvi-lo. Então, disse:

“Que desgraça! As pérolas não podem flutuar.”

+ + +

Capítulo VII

DA RIQUEZA

Um rico aproximou-se dele e disse:

- “Que posso dar-vos para poder dormir tranqüilo?”

E ele respondeu:

-“Dai-me vossa ambição e conservai vossa riqueza.

Não é coisa fácil dormir em cima do ouro, porque o colchão de ouro, além de produzir a insônia, provoca dores nas costas e na cabeça.

A riqueza é uma prostituta de braços duros que se entrega a muitos ao mesmo tempo e ninguém consegue conciliar o sono em meio à turba fervente. Viveis criando armadilhas que abrem centenas de entranha famintas ante o passo dos homens e a essas armadilhas dais o nome de ‘finanças’.

Todos os males são repugnantes, menos o maior deles, o dinheiro, que é sempre o mais desejado e o mais querido.

Naturezas há que são imunes aos micróbios; nenhuma porém é invulnerável ao ouro.

Cada povo fala seu próprio idioma e existem no mundo mais de dois mil idiomas e dialetos. O ouro, porém, fala com eloquência em todos eles e em todos eles mente.

O ouro é isto: um deus ruminante, que se alimenta da carne de seus adoradores, que bebe seu sangue, mastiga seus ossos e deleita-se em ficar ruminando-os. Entre os deuses adorados pelos homens, o ouro é o deus dos deuses, porque seus monstruosos rugidos aumentam as orelhas e seu hipnotizante fulgor desvia a vista.

Observa! Ele é como u'a moenda, que chama os corações para tritura-los e pulveriza-los.

Até mesmo as almas seletas e nuas desejam, às vezes, vestir-se com o seu brilho.

Até aquele que se venceu a si mesmo anseia por aquecer-se em seus raios frios.

'Adora-me e dar-te-ei tudo', diz ele. Mas ele não dá nada, porque apenas compra e vende: compra o fulgor de nossos olhos com o brilho enganador do seu ouropel.

É como o pescador que entrega a sua isca à pesca e com isso afirma ter dado.

Quem deseja dormir tranqüilo deve dar-me a sua veracidade..

Aquele que enriquece torna-se ambicioso e o ambicioso é um impotente.

Todo ambicioso crê que o ouro é a escada que leva ao trono, mas ignora que esse trono é feito de metal demasiado duro para costas que pedem repouso.

As barras de ouro que existem nas janelas dos palácios são mais duras do que as de ferro que guarnecem as prisões. Se não quereis morrer asfixiados, abandonai vossos palácios e vivei desnudos ao ar livre.

O homem, contudo, pode viver feliz na Terra e o mais feliz é o que menos tem.

Sede pobres de espírito, bendizei a pobreza pequenina e dormireis tranqüilos durante a noite.

Bendita seja a pequena e virginal pobreza!"

Quando terminou de falar o rico chorou muito e, então, o Inominado disse:

“Chorai, filho meu. Chorai. Vossas lágrimas são ouro derretido, emanando de vossas entranhas metalizadas e isto aliviará vosso coração do seu insuportável peso”.

+ + +

Capítulo VIII

O CLÉRIGO

E veio até ele um clérigo versado em Teologia e quis tenta-lo, perguntando:

- “Que devo fazer para ganhar o Céu?”

O Sem-Nome calou-se durante alguns instantes e, depois, respondeu:

- “Meu amigo, deveis desprender-vos de três coisas: de vossa fé, de vossa boa-fé e de vossa má-fé para poder entrar no Reino do Céu.

Porque com vossa fé acreditais evocar o Demônio a cada momento e servi-vos dele como espantalho para aterrorizar o povo, fazendo-o crer que podeis lutar com ele para deter o Mal.

Com vossa má-fé aparentais possuir o poder de invocar a Deus, fabricando certas palavras que brotam à flor dos lábios e fazendo acreditar que elas chegam até Ele para modificar Seus desígnios e enviar todos os bens.

E com toda a boa-fé estais construindo vossa felicidade pessoal com os crânios dos mortos e com a carne dos vivos.

Olhai, amigo! As pérolas do abismo não vêm à superfície, se não existir um pescador que as tire de onde estão.

Vós sois um comediante que representa comédias no teatro. Jamais conseguísteis, porém, pescar pérolas legítimas. Tendes inteligência para representar e fazer crer aos demais que sois um pescador de pérolas.

Vós, clérigos, pertencei a duas categorias: à que mente sabendo e a que mente sem saber. A primeira mente, enquanto engana os crédulos; a segunda acredita na mentira. Ambas, no entanto, estão muito longe do espírito da Verdade.

Chamais de bons aos medrosos e o sangue derramado por vossos inimigos parece-vos a melhor razão para o triunfo da verdade pequena.

Deve-se amar ao amor de Deus e não a Deus, porque ninguém sabe, nem pode, amar a Deus. É preciso amar os homens e não o homem; é necessário ter pena do amor do demônio torturado. Só assim sereis bom clérigo.

O bom clérigo é aquele que conduz os homens pela vida a fim de ilustra-los por meio da religião. Não é bom clérigo o que os leva aos templos transformados em mercados.

O ruído dos templos é tão cansativo quanto o zumbido das moscas varejeiras.

Não deveis maldizer o bem menor dos homens, porque o bem menor se funde nas entranhas e traz à tona as coisas boas que estas encerram.

Deixai que o mundo gire em torno de seu eixo e não em tono de vossa apaixonante Teologia.

A Teologia é como a mente: hoje acredita e amanhã duvida e quando a voz da Verdade chega a vossos ouvidos, chamam-na de eco mentiroso. Sendo agitados, não podeis crer num Deus invisível e silencioso, mas apenas nos deuses que ensurdecem o mundo com seu ruído infernal.

Espírito e Verdade são filhos do Silêncio. Aprendei e ensinai a adoração a Deus no silêncio do Espírito e da Verdade.

Não deveis, nem podeis ensinar nada que repugne a razão, porque a razão é um fogo: fogo divino que devora o supérfluo da ciência.

Sede autores na divindade e não papagaios de um Deus agitado.

O amante da verdade não busca nem o pró, nem o contra, porque a verdade não tem nem sim, nem não. Na solidão da verdade vivem os Senhores da Mente.

Conduzi o homem a essa solidão e este esquecerá sua vingança contra os deuses.

Adorai em silêncio e deixai de cantar como mosquitos palustres.

Se vossas almas são anêmicas, não peçais o sangue dos fiéis, porque esse sangue vos converterá em vampiros.

Deus pede silêncio nos corações e não louvores feitos entre gritos e zumbidos.

Ele exige o riso nas entranhas e a verdade nos lábios e não a choradeira e a adulação.

Ninguém deve ajoelhar-se diante de Deus, porque os homens que se ajoelham não trabalham.

Os pequeninos se ajoelham, tornando-se menores ainda, sem poder, assim, chegar aos pés da Divindade, pois acreditam que tudo que é grande é disforme: o sobrenatural assume o aspecto do antinatural. A vaidosa modéstia é a perdição do clérigo, porque não pode acender nele o orgulho divino, convertendo-o em fumo sem chama, que traz lágrimas aos olhos e não aquece o corpo.

Sim, amigo, a fé, a má-fé e a boa-fé fazem de vós um teólogo inteligente: dai-me vossa fé, vossa má-fé e vossa boa-fé, a fim de que sejais pobre de espírito, pois o Reino dos Céus é deles”.

+ + +

Capítulo IX

O PADRE

E, então, chegou um sacerdote e disse:

- “Inominado, por que escandalizais o povo, carregando suas dores? Vosso pecado é imperdoável, porque Deus envia a dor para tentar o homem e para castigar suas culpas. Não passais de um tergiversador da Grande Lei”.

E o Inominado calou-se por um instante, como quem estivesse ouvindo uma voz longínqua, para logo dizer:

- “Não me é desconhecida esta voz. Há muitos anos ela feriu meus ouvidos e ainda hoje apresenta os mesmos instrumentos que ferem: a ignorância e o egoísmo.

Recordo que vossos olhos estão sempre avermelhados e que vossa boca assemelha-se a um abismo que tudo engole e nada mais devolve, senão sorrisos enganadores.

Sois o narcótico eterno que adormece as crianças famintas, que clamam pelo seio das mães.

Vosso deus odioso ensinou-vos a mamar dormindo nos seios da Grande Mãe, sem deixar uma só gota de leite para os filhos verdadeiramente famintos.

Sois o cachorro que se alimenta do pão dos filhos, vendendo a estes as migalhas.

Sois o deserto estéril que arrasa com vosso simum, a fertilidade.

Vossa alma está tão faminta como a minha, mas . . . que diferença entre a minha fome e a vossa!

A minha tem fome de dores, de sofrimentos, de desgraças; a vossa de gozo, de bem-estar e de riquezas.

Também vossa sede é distinta: tendes sede de alentos. Eu tenho sede de suspiros.

Somos, eu e vós, duas vorazes tumbas e somos ambos como o mar: tragais os cadáveres para devolve-los, depois, às praias; eu trago as vidas para guarda-las em meu seio.

Sois o pregador de um deus a quem muito amais e esse deus é vosso estômago. Sois como um ventrículo que balbucia salmos e distrai a mente.

Tudo, tudo na vida, do átomo ao sol, percorre um caminho que sobe em espiral, enquanto vós viveis satisfeitos com o que haveis herdado do antigo demônio.

Ouvi e dir-vos-ei que é o padre:

O padre é a fome no demônio que deseja comer Deus.

O padre é a sede nas almas condenadas que querem beber Deus.

Dai-me vossa Trindade e vos darei a minha, para que sejais um padre verdadeiro.

Daí-me vosso estômago, vosso ventre e vosso baixo ventre e eu vos darei minha ânsia, minha sede e minha fome.

Não é crime matar a Deus. Crime é sepulta-lo no ventre.

Não é crime crucificar a alma. Crime é crava-la no baixo ventre.

Dize-me, porém, irmão: que conceito tem vosso estômago de vosso Deus? Que vos diz vosso charco impuro da fonte pura?

Escutai: vou dizer-vos o que é o homem-deus.

O homem-deus é aquela fonte que inunda o charco da razão humana, de seu saber e de sua virtude altruísta.

O padre ou homem-deus é aquela que gera centenas de filhos e regenera milhares.

A ânsia clama sempre pelo invisível. O estômago, contudo, está sempre surdo a esse clamor.

Deveis lamber a luz para criar ouvidos internos e assim chegareis a ser um Sacerdote do Altíssimo.”

+ + +

Quando o Inominado terminou o seu ensinamento, estendeu as mãos para receber o estômago, o ventre e o baixo ventre do sacerdote. Elas, porém, apenas conseguiram atravessar o ar, porque o padre havia desaparecido. Então, ele disse:

“Até quando serei uma fruta verde?”

Capítulo X

A AMIZADE

E veio ao Inominado um home que chorava lágrimas vermelhas e disse:

- “Não posso dar-vos nada para que se aliviem as minhas dores, pois perdi um amigo”.

O Sem-Nome disse-lhe, então:

- “Nunca haveis tido um amigo, se acabais de perde-lo. O que haveis perdido e aquilo por que chorais é a vossa ilusão.

O amigo é uma parte integrante do ser. O ser que perde sua parte integrante perde a própria existência.

Podeis perder vosso coração e continuar vivo? Haveis sido como um viajante a perseguir a amizade e vos foi deixada uma substância para recompensar-vos com migalhas.

Haveis transportado o repugnante e tudo o que é proibido à Humanidade. Por isso a Humanidade não encontra em vós nenhuma virtude.

Haveis adorado o homem que lançou sobre vossos ombros todos os seus crimes e vossos ombros criaram calos e haveis acreditado haver fé nas palavras, nos sentimentos e na vida.

A amizade humana é como a serpente que muda de casca a cada ano. A amizade talvez não passe da casca de uma serpente.

A amizade dos homens tem olhos doentes, que não vêem a não ser através de lentes fabricadas na loja do egoísmo.

A mesma mentira que mora no fundo da alma converte-se em amizade entre os homens.

A amizade é o sentimento do justo e quem quer ser justo em sua alma não pode ter amigos, nem ninguém quer semelhante amigo.

A amizade é a vontade de dois para criar um terceiro: o perdão ao humano.

O monumento da amizade tem de ser maior do que o ‘eu’ e ‘você’, e quem não constrói a si mesmo não encontra aonde alojar a sagrada amizade.

Em verdade, em verdade vos digo: um só homem conseguiu ser amigo verdadeiro e foi crucificado pelos seus próprios amigos. Por isso, ele dizia: 'Meu reino não é deste mundo'.

Em verdade, em verdade vos digo: deveis sentir-vos feliz, porque ao perder vosso amigo, afastou-se de vós a dor da crucificação.

A amizade dos homens é uma corda estendida entre o 'meu' e o 'teu'.

Quem quiser ser bom amigo tem de ser um acrobata inteligente e intuitivo para não dar passos perigosos em cima dessa corda.

O bom conselho é um passo perigoso, a crítica sadia é perigosa, o saber é perigoso, a lealdade é perigosa, a verdade é perigosa para a amizade.

A amizade entre os homens tem de ser um caminho infinito, um caminho sem fim, porque o fim é o princípio do tédio.

A amizade não deve ser um manjar que sacia, nem uma bebida que embriaga. A amizade deve ser uma flor perfumada que aromatize o ambiente corrompido.

Para ser bom amigo entre os homens deveis prodigalizar muitas palavras e fechar as portas do coração.

Deveis ser a flecha que passa por cima das cabeças.

No entanto, para ser um bom amigo entre os deuses deveis abrir vosso coração com a chave da lealdade e preparar vossa cabeça para a coroa de espinhos. Deveis abrir as mãos para o ato de dar, mantendo-as abertas e espalmadas para que sejam cravadas.

Amizade significa humanidade. Lealdade significa divindade. Dai-me vossa lealdade e vosso amigo votará e, com ele, outros dez mais amigos do que ele.

A amizade é uma máscara, mas a lealdade é a verdade desnuda. Ai daquele que desnuda a verdade ante os olhos enfermos pela corrupção!

Atentai! Não sois um amigo leal. O amigo leal é como um círio que queima a própria alma, sem desejar gratidão nem retribuição.

Leal é aquele que sempre dá mais do que promete.

O leal é um Deus que se destrona para pousar nas feridas dos homens.

O leal é aquele que se sacrifica hoje para redimir-se amanhã.

O leal é aquele cuja alma está repleta e dá-se com essa alma repleta, esquecendo-se do próprio vazio.

O leal é como aquela gota d'água que tomba de uma nuvem suspensa no firmamento.

Haveis sido assim em vossa amizade? Não? Ide, então, em paz, porque jamais haveis sido amigo de fato, nem nada haveis perdido.”

+ + +

Capítulo XI

O PARTIDÁRIO

E veio a ele um fanático homem de partido, que perguntou:

- “Que posso dar-te para obter o triunfo de meu partido?”

E ele respondeu:

- “Todos os partidos têm de ser fragmentos indivisíveis da Unidade.

Haveis feito de vosso partido uma corda estendida sobre o abismo, obrigando em seguida os homens a fugirem do perigo andando sobre ela.

Juntar-se a um partido é cobrir a cabeça para andar descalço.

O homem verdadeiro é universal e se converte numa ponte para todas as diversidades.

O ser universal é como a chuva que sacia tanto a sede do lobo, como a do cordeiro.

O ser imparcial por sublimação é a praia, onde os naufragos buscam a sua salvação.

O homem sem partido é o único que pode abarcar a diversidade dos homens, porque tornou-se impessoal.

O impessoal constrói a morada dos povos e por eles dá a vida.

O impessoal não precisa de cordas nem de pontes, porque não tem abismos de dor.

Ele não procura possuir virtudes, mas acrisola as virtudes alheias.

Ele dissipa sua alma na boca de todos e se envergonha quando se dá a um só.

Dar-se a um só é querer ‘gratidão’ e retribuição. Chover sobre todos é dar sem receber.

O personalismo dos homens de partido produz palavras douradas, ao invés de pão branco. Promete fatos e fabrica promessas.

Pretendeis reparar o dano danificando as relíquias do passado.

Toda diversidade emana da unidade e toda diversidade cabe na unidade.

Todo 'ismo' emana do um. O um, porém, não se identifica com nenhum 'ismo'.

Os homens de partido são escravos que pensam poder libertar o mundo. Têm alma superficial e falam das profundezas da alma. São vazios, mas pregam todas as coisas. Não possuem coração, mas a razão funciona-lhes no estômago.

Sede um raio e cessai de ser trovões.

Sede luz e não façais tanto ruído como os tambores vazios.

Sede o fiel que entra no templo e não o sino que chama a oração, mas que nunca ora.

É bom semear o gérmen da esperança, mas ai daquele que alimenta com esse gérmen a nescedade, a ignorância e a presunção!

Tendes o caos em vossas mentes e afirmais haver encontrado e fonte da harmonia.

Chegará , no entanto, a hora – e a hora já é chegada – em que todos deverão compreender que o servidor do povo não pode ser uma sanguessuga preso à alma desse mesmo povo.

Mas ... por que falar mais? Não sou o médico de vosso personalismo, mas seu devorador. Dai-me vosso personalismo e ...”

Uma gargalhada interrompeu as palavras do Inominado.

O homem de partido ria, ria, ria ...

É com o riso que homem se vê por dentro.

+ + +

Capítulo XII

O FILHO

E vieram a ele pai e mãe, chorando e , dizendo-lhe:

- “Que precisamos dar-vos para que nos seja devolvido o filho pródigo?”

E ele respondeu:

- “Vossos filhos não são vossos filhos. Eles são filhos da vossa paixão. O filho é um desejo cristalizado.

Vosso desejos são vossos filhos, enquanto os filhos são vossos netos.

Daí-me vossas paixões e podereis, então, gerar filhos.

Vós sois a grande Boca que liberta filhos vivos na trajetória da imensidade.

Podeis soprar o alento da vida, porque não podeis retê-lo por muito tempo e porque sois Deuses.

Deveis inalar vosso filhos para pode exala-los. Deveis formá-los com o pensamento para poderdes vê-los nascendo pela manhã.

O filho é um desejo intenso que nos vem, hoje, ao encontro, mas que amanhã nos abandonará à sorte da nossa paixão.

Os pais não devem ser pescadores de filhos, mas mestres no sentido da existência, porque o filho é o raio que se desprende das escuras nuvens humanas, quando estas se chocam.

Vossos sentimentos devem ser relâmpagos intermediários entre vós e vossos filhos.

Os filhos do desejo são os coveiros dos pais que utilizaram suas paixões como isca para pescar filhos no coração da noite.

O filho do desejo é o apetite insaciável que se apodera do estômago voraz e produz a dor da gula.

Os pais devem jejuar para que os filhos pratiquem o jejum. O jejum é o grande depurador das vidas.

Os bons pais são os bons vigias que se comprazem em olhar os filhos adormecidos com seus corpos cansados e seus sonos tranquilos, para que quando abram os olhos olhem para o sol e caminhem na direção da luz, como o navegante para o porto em que o esperam aqueles que o amam.

Dai-me vossos verdadeiros filhos e vossos netos serão filhos bons e perfeitos.”

+ + +

Capítulo XII

OS COMERCIANTES

E vieram a ele os comerciantes para vender-lhe a crise em troca da fortuna e ele assim lhes falou:

- “Vossos bens são companheiros mortos e demasiado pesados, que tendes de carregar para onde quer que vos dirijais.

Vossos olhos estão sempre fechados para a luz e quereis apalpar nas trevas da cegueira.

Tendes fé em vosso tato, e, por isso, prescindis de todos os demais sentidos. Não quereis encarar a justiça, nem sentir o cheiro da

verdade, nem saborear o desprendimento, nem ouvir a música do agradecimento.

Para chegar a vosso objetivo seguis uma só rota, saltando por cima dos esqueletos e ossos, bailando nos cemitérios sobre as tumbas.

Vosso refinado tato converteu-vos em veladores de mortos.

Até às almas haveis conferido um preço e as almas se converteram em vacas-leiteiras.

Vosso poder está na astúcia da raposa e na traição do lobo.

A paciência dos burros é a melhor montaria para receber vossos formidáveis pesos.

O canto do canário é quem melhor tece a vossa jaula. O valor do herói é o melhor escudo para vossos mesquinhos sonhos.

Sois os humilhadores da dignidade e os burladores da sabedoria.

Quem bebe o suor da fronte sofrerá a fome da verdade.

Quem se torna irmão das rãs não consegue tomar água limpa, ainda que o charco reflita a luz do sol.

Sois náufragos num mar em que morreis ou de sede ou por beber demasiada água salgada.

É bom negociar, mas é pérfido fazer da alma uma loja.

Não é mau comprar ou vender, mas é abominável transformar a alma num peso ou numa medida.

Na balança do espírito o 'eu devo' é muito mais leve do que o 'eu quero'.

O 'eu quero' é o preço da alma. O 'eu devo' é a oração do espírito da terra que santifica a balança e a medida.

O possuir arrasta ao ódio e à ambição. O dever é rede estendida sobre o mar dos dons.

Criar novas ganâncias e novos valores é legar à posteridade filhos e netos escravizados.

Sois escravos do 'eu quero' e legais essa escravidão a vossos filhos, que são inocência e prece.

Dai-me os cadáveres que carregais e então sereis buscadores de jóias imperecíveis.”

O Inominado quis continuar falando, mas ouviu, então, um grunhido semelhante ao do cachorro que defende um osso contra o ataque de outro cachorro e aquele grunhido cortou as palavras do Sem-Nome...

+ + +

Capítulo XIV

DA LEI

Muitos sábios e legisladores vieram até ele e perguntaram:

- “Que tendes a objetar contra nossas leis? Não serão elas o modo mais adequado de elevar a vida dos homens?”

E ele respondeu:

- “Quereis abarcar o oceano da vida na palma de vossa mão.

Quem é o legislador e o que é a lei?”

O legislador é um médico doente que receita a lei, que é um remédio que não consegue nem mesmo curar sua própria enfermidade.

Legislar é uma coisa muito difícil. Para legislar é preciso haver vivido a lei.

Como podeis ditar leis, se sois os primeiros a viola-las? O homem-lei vive a lei escrita em seu coração e sua vida é a senda dos demais.

O desavergonhado, no entanto, dita leis circulares, que giram em torno do seu ‘meu’.

Cem vezes precisais morrer em vida para traçar a lei da vida que seja estímulo para a alma.

Cem vezes por dia precisareis lutar com vosso ‘meu’ até vencê-lo para que o ‘eu’ vos converta em meta.

Cem vezes deveis desnudar-vos perante a justiça para que a alma sacie a sua fome de verdade e possa dormir sem pesadelos.

O homem-lei é saúde, alegria e abundância. O legislador, porém, é um médico que receita drogas que servem de aperitivo para a gula, mãe de todas as enfermidades, de todas as aflições e de todas as misérias.

Poucos legisladores possuem estes dons e ignoram que os aperitivos da gula são como o ópio que amortece a dor da alma enferma, aguçando a sua fome para poder devorar todos os mandamentos.

Sede vós mesmos as leis e evitareis o trabalho de dita-las. O melhor legislador é o que sabe caminhar certo sem necessidade apoio.

Sede vós mesmos leis e vossas noites deslizarão suavemente sobre todas as virtudes.

Sede vós mesmos leis durante o dia e não tereis de ruminar a insônia durante a noite.

Deixai que vossos erros ditem vossas leis: é mil vezes preferível que isto aconteça do que serdes obrigados por vossas leis a carregar a vingança, o ódio e a insônia.

Refleti durante o sono, que é o pai de todas as bondades. O sono não rouba, nem fornica, nem deseja o bem alheio.

Mas esse sono não deve, apenas, acontecer de noite. De dia também.

Feliz é o que se converte em lei durante o sono.

As leis ditadas pelo sono dos sentidos ensinam a alma a velar para a Eternidade.

As leis são excitantes da inteligência; enquanto a Lei é a mãe sabedoria em cujo regaço dormem os filhos rebeldes e os filhos obedientes.

Bem-aventurados são os que calam, acalentam e dormem até se converterem na Lei.

A humanidade é o sublime poema de uma só Lei. Vossas leis parecem areia do deserto sobre os olhos da Lei.

O ideal da lei está além dos homens. As paixões humanas são fragmentos de uma Lei destroçada. Deixai vossos fragmentos na pira ardente do grande centro e sereis a Lei.”

+ + +

Capítulo XV

DOS NOBRES

E vieram a ele os nobres, filhos de nobres, em atitude cínica, com a mão direita no bolso, tapando com a esquerda os narizes. E disseram:

- “Inominado! Deveis levar convosco a fedentina do povo, a fim de nos entregar a liberdade do olfato”.

E ele, sorrindo compassivamente, disse:

- “Vós sois as tumbas. Vosso exterior é de mármore branco, mas ninguém se atreve a revelar vosso interior. Contudo, queixa-vos do mau cheiro do povo.

Sois os dentes cariados da humanidade que doem malignamente de noite e se acalmam de dia.

Vosso olfato doente deleita-se com o fedor de vossos membros grangrenados e rechaça, com repugnância, o cheiro de saúde que emana do povo.

O fedor da nobreza herdada é, em vós, um gozo embriagador, porque não sabeis sair de vós mesmos, ao passo que a fragrância da nobreza adquirida vos enferma.

A nobreza herdada é a própria loucura.

As cinzas do homem são suas estórias, cujos pós produzem o catarro e a cegueira do espírito.

O fantasma da nobreza se forma das cinzas de seus antepassados, como se formam os gusanos no fruto apodrecido.

Para vos livrar de vosso fantasma, não deveis conservar a cinza de vossos antepassados em urnas douradas, senão espalha-lo do alto de uma montanha para que seja depurada pelos quatro ventos.

No alto das montanhas os homens vivem cordatos, longe dos fantasmas e das alucinações do Passado.

O passado é o pai de muitas alucinações mentirosas e de muitas enfermidades hereditárias relativas a muitas nações e a muitos povos.

O passado para os povos é como certa espécie de velhice, que impede a Humanidade de atingir a superação de si mesma.

Em verdade, em verdade vos digo: a velhice do corpo sujeita a alma e a alma sujeitada renega o espírito, deixando de ouvir a voz de suas entranhas.

A alma renegada impede à mente de perfurar o dique da herança para vir à tona e contemplar o mundo ultra-humano.

O mundo humano é o mundo dos antepassados, o nosso é inumano, mas o super-humano não é nem humano nem inumano.

O que fala de si mesmo arrasta-se e nunca poderá voar. Os suínos falam de si mesmos e, por isso, não podem mudar de posição, nem levantar a cabeça.

A nobreza herdada lança suas sementes no pó dos séculos e engendra parasitas humanos.

Os parasitas dedicam-se sempre ao estudo da história antiga, sempre olham para trás, para a noite dos tempos, e com a tela negra dos séculos que já se foram, confeccionam as vendas de que precisam para os séculos vindouros.

Depositai no cetro a loucura herdada, o catarro racial e a cegueira religiosa e vossos narizes se abrirão para respirar o alento perfumado do ser e o sopro criador da Vida.”

+ + +

Capítulo XVI

DOS MÉDICOS

E, certo dia, encurralaram-no os médicos e interpelaram:

- “Com que poder e autorização curais aos enfermos?”

E ele respondeu:

- “Respondo-vos com outra pergunta: com que direito fabricais enfermidades para administra-las, em doses, aos corpos sãos?”

Vossa ciência é um pequeno brinquedo nas mãos da razão vaidosa.

Sois feito de pele dura. Tenho de ser duro nas minhas verdades para despertar vossos espíritos adormecidos.

Sois os maquiladores da enfermidade. Podeis dourar o ferro, mas poucos serão aqueles que conseguirão transforma-lo em ouro.

O médico doente pode curar, mas o sadio é o único que pode ficar bom. O médico enfermo receita remédios para adormecer a doença. O curador é aquele que tira o pecado da enfermidade.

Em verdade, em verdade vos digo: a enfermidade é um pecado e o pecado é uma enfermidade. O médico maquila a doença, enquanto o curador lava-a na fonte do amor para salvar a vítima.

A ignorância, o ódio e a ambição são dardos de aço que atravessam as entranhas do homem.

Vinde, médicos da periferia, e eu vos farei ver o reflexo da enfermidade no espelho do meu centro.

A enfermidade é a manifestação da ignorância e a doença a fumaça do fogo passional. O curador é fonte de elevados ideais, nos quais o enfermo se banha para assim, alcançar saúde permanente.

A paixão traz a dor a reboque. O prazer haurido da degeneração tem de ser depurado pela enfermidade.

A dor é o castigo proveniente da violação da Grande Lei. A saúde é o retorno à harmonia.

Aonde existe uma dor, existiu antes uma paixão.

Os desejos formaram o cérebro, mas eles se alimentam do próprio cérebro.

A dor é filha do pensamento enfermo. O pensamento elevado é fonte de saúde.

A mente e os sentidos são brinquedos por trás dos quais se esconde o desejo que habita na própria carne.

A saúde é a união do corpo e da mente.

O curador tem de ser o ponto de união entre os dois.

Podeis administrar drogas a vossos enfermos, mas é preferível que vos convertais vós mesmos na saúde dos doentes.

Vossos corpos são os melhores remédios e vosso sangue a mais sã bebida.

O enfermo que não come do corpo de seu curador e que não bebe do seu sangue não pode ter em si uma vida para si.

Dai-me vossos corpos e vosso sangue e fabricarei a Panacéia.”

Ouvindo isto, os médicos fugiram espavoridos do Inominado, a fim de não serem contagiados pela sua loucura. E um deles disse:

“Que bom está este Centro para o manicômio! ...”

+ + +

Capítulo XVII

DOS GUERREIROS

E, certa manhã, vieram a Ele guerreiros armados até os dentes e lhe perguntaram:

- “Que podemos dar-vos para que nos proporcioneis a vitória na batalha que vamos travar?”

O Inominado calou-se um instante, mas logo disse:

- “Depois do triunfo, ficará sempre uma amarga derrota na boca do vencedor.

A debilidade do vencido é uma traça que rói o coração do vencedor.

A grandeza do vencido tem muito dos venenos, embora não seja drástico.

Mas é infalivelmente mortal.

O herói leva sempre na frente a vergonha do triunfo e nos ombros a desgraça dos povos vencidos.

A Vitória digna desse nome não é o triunfo comum e ordinário.

O que busca a vitória não deve, apenas, desprezar a morte, mas, também não ser escravo da vida.

O escravo da vida jamais pode triunfar. É preciso venerar a vida, ao invés de deixar-se acorrentar por ela.

Nos lábios do vencedor brilha o sorriso da satisfação, mas em seus olhos retumba o desprezo do vencido.

A vitória deve ser compaixão e não vingança, porque o assassino nunca se atreve a dar contas à vida.

A recordação do triunfo precipita o sangue nas veias do selvagem e coloca-se à altura da sua selvageria. Porém, a recordação que mora no coração do verdadeiro herói o faz empalidecer de remorso e corar de vergonha.

A vitória enfeitiça a mente e endurece a alma. As armas são como as mulheres voluptuosas, que procuram sempre embriagar os sentidos. E, assim, o sangue clama por mais sangue e por vingança.

O assassino vitorioso, ao sacudir a cabeça, desloca o pescoço sob o peso do triunfo.

O que é o herói nas guerras? É uma besta de carga condenado durante toda sua vida a levar o peso e ser açoitado pelas noites.

Que é o herói nas guerras? Um doente invejoso que deseja contaminar todos os seres vivos com o seu mal.

O que sofre de insônia quer acordar todos que estejam dormindo tranquilamente, a fim de sentir-se acompanhado.

A vitória tem muito do álcool e embriaga rapidamente. A embriaguez do álcool desaparece no dia seguinte, mas a da vitória só tem remédio na derrota.

Não podeis crer senão num Deus que saiba guerrear. Por isso invocais ao Deus da Guerra para que vos conceda o triunfo.

Dai-me vosso Deus guerreiro e farei dele uma bela montaria, mas, em troca, dar-vos-ei o Deus da Paz e vosso triunfo estará seguro.

Sede heróis da paz e o triunfo converte-se-á num obediente soldado a vosso serviço.

Declarai guerra contra a guerra e sereis deuses dos deuses.”

+ + +

Capítulo XVIII

DA NESCEDADE

Aproximaram-se do Inominado três néscios. Sorridentes, contemplaram-no detidamente e logo explodiram de rir.

O Sem-Nome estremeceu visivelmente, mas quando ficaram em silêncio, disse-lhes:

- “Bendita seja a ignorância ante a vossa nescedade. A ignorância tem muito da inocência e é humilde, enquanto a nescedade é irmã da presunção e é inflada pelo fole do orgulho.

A ignorância tem jeito, mas a nescedade é incurável.

Vossa gargalhada me fez estremecer, assim como à terra que indulgentemente vos sustenta.

As gargalhadas do néscio são como as ervas parasitas: não tem raízes na alma.

Os néscios saltam os degraus, mas o peso de seu próprio sangue não os perdoa: chegam hoje, por vezes, às alturas, mas apenas para tombarem nos precipícios do amanhã.

O que vive no centro não pode desprezar os parasitas da sua periferia, ainda que estes, às vezes, o façam estremecer. E quando, do centro, quiser, falar, ninguém o ouvirá. A distancia é muito grande.

O raio do centro produz a cegueira nos olhos do néscio e aumenta sua terra, porque a luz é uma maldição para os olhos enfermos.

A nescedade é suicídio lento e as palavras do néscio são como espadas suspensas sobre sua cabeça.

Todo defeituoso busca libertação do defeito, menos o néscio, que, como um porco, vive contente em sua imundície.

Todo homem tem sede de estrela, mas o escaravelho do néscio rodopia, satisfeito, no esterco.

Sois prisioneiros que nunca sonham com a liberdade, porque vossas almas não conseguem ter aspirações.

Toda enfermidade tem uma causa circunstancial, mas a nescedade é a causa de todas as enfermidades.

Quantas vezes vos hei lançado o anzol com a isca da esperança e da caridade ... !

Vosso olfato sempre repudiou a fragrância.

Ide, amigos! Ide! Não tendes jeito, pois a nescedade será vosso maior castigo.”

+ + +

Capítulo XIX

DO AMOR

Veio a ele um casal de noivos e disse:

- “Inominado, queremos o amor completo e perfeito. Que nos pedes em troca?”

O Inominado sorriu e logo respondeu:

- “O amor, amigos, é uma luz que encerra em si mesmo três cores: vermelho, amarelo e azul.

O amor vermelho é um crocodilo cujas mandíbulas insaciáveis engolem a vítima para derramar, depois, abundantes lágrimas.

O amor amarelo é um companheiro fiel e um amigo leal, que acompanha o homem até o túmulo.

O amor azul, porém, é um Deus que carrega o homem em suas asas, obrigando-o a desprender-se da atração terrestre.

O amor vermelho é libertinagem, o amarelo é liberdade e o azul libertação.

O amor vermelho é animalidade, o amarelo é humanidade e o azul é divindade.

O homem tem o poder de arrastar Deus à animalidade, mas também tem força para elevar essa animalidade até Deus.

Os mais terríveis homens são os que vivem na Divindade, mas levam dentro de si um animal feroz que se alimenta de orgias e prazeres.

Ouvi, amigos: a semente deve ser semeada em terreno fértil, mas jamais entre pedras ou espinhos. Porque os espinhos e as pedras dão nascimento a coisas espantosas que, como víboras cegas, mordem até a si mesmas.

As sementes mal semeadas produzem densa melancolia, que fica esperando de mandíbulas abertas. Sede animais, se quiserdes, mas não pregai a Divindade na animalidade

Geraí para o amor e amai-vos para a geração, enquanto correis em busca da regeneração.

Sede abundância e saúde em vossas gerações de amor, porque o que procria, cria e recria.

Sede rosados no amor e não vermelhos.

Sede fogo e luz no amor, mas não fumaça.

Sede sorriso e a lágrima, mas não a gargalhada.

Se quereis ser amantes perfeitos, deveis dar-me vossa cor vermelha, vossa fumaça e vossa gargalhada.”

Quando o Inominado terminou de falar os amantes se afastaram cobrindo o caminho com o manto lúgubre de uma profunda decepção .

..

+ + +

Capítulo XX

DA SABEDORIA.

Vieram a ele sete sábios e perguntaram:

- “Inominado, o que é a Sabedoria e que precisamos dar em troca para tê-la?”

O Sem-Nome respondeu, com um sorriso de compaixão:

- “Amigos, a Sabedoria é o que é.

A Sabedoria é uma aurora no espírito, cujo sol está sempre invisível.

A Sabedoria é uma palavra criadora pronunciada com o pensamento silencioso.

Não posso dar-vos a Sabedoria, porque ela é o que é.

Eu vos guio em direção à saúde, porque a saúde está no centro.

No mar de vosso espírito jazem pérolas sem preço. Podeis adornar-vos com elas, mas tende cuidado de não traze-las à apreciação de vossos asquerosos sentidos.

Aquele que busca a Sabedoria tem de imolar o brilho dos olhos e o fulgor de todas as suas virtudes.

O sábio deve utilizar todas as suas virtudes como isca para pescar a Sabedoria, que é uma brande devoradora de honras.

A Sabedoria é a vida que quer ser morte, e é uma morte que se alimenta da vida.

As entranhas do sábio constituem os alimentos da Sabedoria, ao passo que os superficiais alimentam as entranhas com Sabedoria.

Todo superficial sofre do fígado e sua bÍlis serve de tinta para escrever sabedorias indigestas.

A Sabedoria é um veneno mortal na boca que se distancia muito do ouvido.

A Sabedoria é o nostálgico sentimento de retorno definitivo ao centro do ser.

Amigos! Não vos vou dar Sabedoria, mas indicar o Centro e ficai surdos à pequenez dos grandes homens.

Ide à solidão do centro no reino do silêncio, no oceano da tranqüilidade e trareis à tona preciosíssimas pérolas.

O sábio trabalha sem duvidar.

Ensina sem falar.

Legisla sem fazer ruído.

Governa sem lutar.

O sábio é surdo ao ruído dos homens inteligentes que se aproveitam do momento e medem os prós e os contras.

O verdadeiro sábio nunca pode escolher o momento, nem impões condições.

Sua firmeza é sua recompensa. Sua grandeza é sua glória.

Seu valor não tem preço.

Sua sede sacia e sua fome alimenta.

O sábio não é uma gota de mel, é um inseticida.

Entre o mar e o coração do sábio existe muita semelhança: ambos recebem e aniquilam as larvas venenosas dos homens, purificando suas impurezas. No entanto, o sábio não se ufana de sua obra saneadora.

O pensamento do sábio é um furacão rijo que leva consigo todos os deuses e demônios que recompensam e castigam as grandes e pequenas existências.

Quando, porém, chegardes a ser sábios, aparentai ignorância ante a pequenez dos inteligentes, ou essa pequenez se transformará numa arma vingativa.

A Sabedoria é um aguilhão na consciência dos cientistas. Por isso ela é odiada por eles e o ódio aumenta seu veneno com o passar dos dias.

Se quereis ser sábios, aparentai ignorância ou refugiai-vos no fundo do mar da Sabedoria, deixando que as ondas raivosas se choquem entre si na superfícies e que levantem o seu grito em direção à imensidade.

Se quereis viver, tende cuidado de não corrigir as faltas do povo e, se quiserdes faze-lo, preparai, de antemão, vossas pesadas cruces.

A verdade contida na Sabedoria não é alimento para o estômago do povo.

Sede vorazes e verazes. Assim sereis sábios.

Sede vorazes para poder tragar os defeitos e as faltas do povo, dos ignorantes e dos néscios. Sede verazes com os pobres de espírito, com os animais e com vós mesmos.

Enfim, quereis se sábios? Pois sede como a água, que se adapta a tudo, a fim de purificar todas as manchas.”

+ + +

SEGUNDA PARTE

Um dia o Inominado esperou, esperou, esperou muito, mas ninguém veio a ele. Perguntou-se, então:

“Já não há desgraças no mundo? Já não existem dores na periferia?”

E esperou sete dias mais. Ao cabo deles, porém, sentiu um ruído em seu coração semelhante ao ruído de um vulcão antes da erupção. No fundo do coração sentiu a plenitude do silêncio que precede ao rugido do mar e, então, falou. E em sua voz havia o fragor dos trovões que ensurdecem e infundem medo e meditação. E disse:

“Os homens já não querem vir ao centro, preferindo viver na periferia de seus nascimentos e mortes.

Os homens querem romper a harmonia do coração com o ruído da linguagem.

Querem fugir da luz do sol fechando as pálpebras. Querem destruir o desejo e a paixão tapando os olhos.

Pobres criaturas, que pretendem desprender-se da lei de atração!

Eles já não querem vir até mim e eu não me manifestarei mais na circunferência.

Serei, porém, um relâmpago que vem e vai e ninguém saberá de onde veio, nem para onde foi.

Serei um trovão que infunde medo e paz aos corações.

Ouvi, pobres homens! Ninguém pode escapar de minha lei de atração. Ninguém pode fugir da luz do meu sol.

Ouvi! Ouvi! Ouvi!”

+ + +

I

O Zero Infinito é inconcebível, mas manifesta a Unidade.
O Seio Ilimitado da Circunferência contém o Raio.
O Espaço concebe a forma.
A Eternidade envolve o Tempo.
A Consciência abarca a Mente.
A Eterna Letra (O) contém a eterna letra (I)
No entanto, da Unidade se formam os Muitos.
O Raio mede a Circunferência.
A Forma enche o Espaço.
O Tempo fala da Eternidade.
A Mente pesa a Consciência.
A Eterna Letra (I) funde-se na Eterna Letra (O)
Isto sou EU.

II

O Céu é a realização do Belo.
O Inferno é a insatisfação do Feio.
O Belo é o Triunfo.
O Feio é o Fracasso.
Logo:
O Céu está no Coração cheio de amor e livre de desejos.
Com o amor engendramos a Beleza.
Com a Bondade conquistamos Poder.
Com o Silêncio criamos a Sabedoria.
Este é o Céu.
Isto sou EU.

III

A Religião é o Fogo do Amor.
O Fogo do Amor é a Virilidade da Natureza.
A Virilidade da Natureza é a tristeza alegre e a dor sadia.
Como o sol:
Ilumina e queima.
Entre a Luz e o Calor sempre engendra.
Queimando, ilumina.

Iluminando, vivifica.
Engendrando, eterniza-se.
Fogo, Luz e Amor formam a Religião Onipotente.
Isto sou EU.

IV

O Mal é a dor que auxilia o parto.
A dor é o retorno à cura.
A enfermidade é o princípio da saúde.
O mal, a dor e a enfermidade são filhos do abuso.
Aproveitam sem trabalhar.
Colhem sem semear.
Guardam sem criar.
O bem, a saúde e a vida trabalham, semeiam e criam.
Trabalham, mas não aproveitam.
Semeiam, mas não colhem.
Criam, mas não guardam.
Eis a diferença.
Isto sou EU.

V

No amor não cabem preferências.
Sem as preferências não há escolha.
No sacrifício existe força.
Na força há liberdade.
O Sacrifício e o Poder dos Poderes são um.
Todo Sacrifício é sensibilidade.
Todo Poder é movimento.
Separado da Sensibilidade o Poder converte-se em Nada.
Separada do Poder a Sensibilidade torna-se morte.
O Poder unido à Sensibilidade é a existência.
A Sensibilidade unida ao Poder é a consciência.
Não existe nenhum Poder sem Sensibilidade.
Nenhuma Sensibilidade existe sem Poder.
Isto sou EU.

VI

- Que contém o Espaço Infinito?
- Matéria sensível.
 - Que existe por trás dela?
 - Um Poder.
 - Onde emana esse Poder?
 - De um Coração.
 - Que é Coração?
 - É o Centro aonde se unem o Poder e a Sensibilidade.
 - Que é o Poder?
 - É o amor vibrando na Forma.
 - Que é Sensibilidade:
 - É o Amor do Poder.
 - Mas, o que é o Amor?? . . .
 - Isto sou EU.

VII

O Amor é o dar contínuo do Poder.
Não o tem quem não sabe do que precisa.
O Progresso é a necessidade de uma vontade livre.
Pela Libertação chega-se ao Triunfo.
Libertação de si mesmo e Triunfo sobre si mesmo.
Libertar-se da inocência e triunfar pelo saber.
Libertar-se do prazer e triunfar sobre a dor.
A vida efêmera é o degrau da Vida Eterna.
A dor é o aguilhão dos atrasados.
A Natureza não pode deixar de dar, porque seria indigna do Absoluto.
O Absoluto não pode criar nada cujo progresso seja detido.
A Libertação significa não desejar nada, porque o todo já tem tudo
Isto sou EU.

VIII

A perfeição menor causa a Morte.
A morte é a busca da Perfeição Maior.
A imperfeição ama a morte.
A morte é um fogo acrisolador.
A Luz é a Vida Eterna.

A fumaça é a paixão do Fogo.
O ser que não quer ser o Ser vive o dia e a noite.
O ser que quer sentir a imortalidade do Ser fumega primeiro, arde
depois e logo a Luz se faz.
Isto sou EU.

IX

O cego adverte e não vê.
O néscio vê e não crê.
O fanático crê e não sabe.
O imbecil não sabe e não sente.
Porque:
Ver, crer, saber e sentir são elementos da iluminação do homem
eterno e imutável.
Ver claro é ter consciência.
Crer firmemente é ter Sabedoria.
Saber perfeitamente é possuir o Mestrado.
Sentir profundamente é ser o Centro do movimento circular do
Eterno.
Isto sou EU.

X

O Anjo é um pensamento belo.
O demônio é um pensamento feio.
O anjo acalma a loucura.
O demônio aguça a dor.
Porém, todo ser pensante é criador de anjos e demônios.
Portanto, ninguém pode viver sem pensar.
O Centro, porém, trabalha sem pensar.
Porque Ele sabe.
Isto sou EU.

XI

O raciocínio que nega e afirma não é seguro.
A Ciência que crê que **sim** e que **não** ao mesmo tempo não é
verdadeira.
A opinião prática que signifique proveito e perda não é Natural.

Porque:

O incerto nega a vida.

O falso nega a paz.

O antinatural nega a felicidade.

A Verdade vive, enquanto a falsidade aspira viver.

O Natural silencia, o antinatural emite opiniões.

O Centro não raciocina, mas assegura.

O Centro não emite opiniões, mas realiza.

Isto sou EU.

XII

A vontade é revelada pela Obra.

A boa obra confere Poder.

O Poder governa por meio da doçura.

O Onipotente tem Força e é Suave.

O Onisciente possui Sabedoria e é tolerante.

O Onipresente abarca o Todo e se torna invisível.

Porque:

O Poder está na Doçura.

A Onipotência reside na Suavidade.

A Onisciência repousa na indulgência.

A Onipresença encontra-se no Silêncio.

Isto sou EU.

XIII

Virtude é virilidade.

O virtuoso é potente.

O débil suborna a si mesmo com a virtude.

O amigo de si mesmo adquire virilidade e não precisa de virtudes.

O impotente divide a virtude e todo o dividido pouco valor tem.

A virtude mora no Centro.

O Sol é luz e não precisa de luz.

Isto sou EU.

XIV

Os homens são de três espécies: fanáticos, incrédulos e sábios.

O fanático está nas trevas, o incrédulo na sombra e o sábio na luz.

O Verbo é a Luz para o sábio, treva para o fanático e sombra para o incrédulo.

O sábio vê, o fanático crê e o incrédulo duvida.

O sábio sabe por intuição, o incrédulo raciocina e o fanático ignora.

A verdade desnudada é a religião do sábio, a velada é a do incrédulo e a oculta é a do fanático.

Raciocinar sobre a sabedoria com néscios é lançar pérolas aos porcos.

No entanto, Centro é a Luz, o Saber e a Verdade.
Isto sou EU.

XV

A tentação é o crisol do Sábio.

Como as ondas, ela ataca, mas retrocede.

A tentação é a fonte da Força.

Fugir dela é covardia.

Entregar-se a ela é debilidade.

O aroma da tentação é o saber:

Inflama o coração:

Torna sutis os sentidos.

Ilumina a mente.

A tentação é a Força:

Deve-se busca-la para ama-la.

Deve-se ama-la para domina-la.

Deve-se domina-la para goza-la.

Muitos oram, dizendo:

“Não nos deixeis cair em tentação.”

O um diz:

“Deixa-me cavalgar a tentação”.

Isto sou EU.

XVI

Saber e fazer é humano.

Fazer e calar é divino.

Querer e possuir é egoísmo.

Amar sem desejar é Divindade.
Usar sem abusar é equilíbrio.
Dar sem receber é superação.
Sentir e realizar é sabedoria.
Concentrar-se em si mesmo é conhecer aos demais.
Só pode dar aquele que se identifica com a necessidade alheia.
O melhor serviço é não julgar a ninguém.
O amor não reclama afeto, mas o querer pede posse.
O melhor serviço é o que alegra o coração.
Todo ser precisa de algo e todo ser pode dar algo.
Quem não serve de nada serve.
Não preciso de nada e tudo dou.
Isto sou EU.

XVII

Ter fé e ter amor.
Amar aos homens é ter fé neles.
Ter fé neles é ter fé em si mesmo.
Ter fé em si mesmo é amar a verdade.
Amar a verdade é amar a humanidade.
A fé sem amor é falsa.
O amor sem fé é hipocrisia.
Querer e crer é dominar o céu e a terra.
Quem quer e crê não precisa de ninguém, ainda que todos necessitem dele.
Porque:
Seu alento purifica o ar.
Sua palavra alegra as almas.
Seu contato cura.
Logo:
A fé é geração.
O amor é regeneração.
Isto sou EU.

XVIII

A grandeza é o amor dos grandes Espíritos.
Os grandes superficiais flutuam com ligeira hesitação.
O grande sabe-se forte e colabora com os fracos.

Guia o barco dos ignorantes em direção às costas do saber.
Rasga a ingenuidade que tolda a perfeição.
Reina sem dividir.
Triunfa sem enganar.
Harmoniza sem ferir.
Pacífica sem dominar.
Não elimina o peso, mas alegra o coração que o transporta.
Isto sou EU.

XIX

Pedir luz ao sol é negar o próprio sol.
Pedir felicidades a Deus é blasfemar contra Deus.
Mendigar amor à Natureza é ofender a Natureza.
O sol deu toda a sua luz.
Deus deu toda a felicidade.
A Natureza deu todo o amor.
No entanto:
O cego nega a luz.
O blasfemo nega a felicidade.
O traidor nega o amor.
O amor é a luz da felicidade.
Isto sou EU.

XX

Quem fala a respeito de si mesmo perde a si mesmo.
O 'si mesmo' encontra-se no fim da senda da aflição.
O pior inimigo do 'Si Mesmo' é o 'si mesmo'.
Girando sobre si mesmo chega-se ao Centro.
O Centro está livre das alturas do orgulho e das profundezas da ambição.
Embora o Centro ou o 'Si Mesmo' pareça ser muito pequeno,
como o sol
não pode ser olhado fixamente por ninguém.
Isto sou EU.

XXI

Observação: (Este capítulo está totalmente escrito com letras maiúsculas. Não pude compreender a intenção do autor. Talvez o leitor compreenda.)

TUDO HOMEM É REI, MAS TODO REI DEVE POSSUIR O SEU CETRO.

O HOMEM QUE PERDE O SEU CETRO DEIXA DE SER HOMEM E DEIXA DE SE REI.

O CETRO DEVE ESTAR SEMPRE ERGUIDO.

QUANDO O HOMEM LANÇA FORA O CETRO, ESTE TRANSFORMA-SE EM SERPENTE A VOMITAR MORTE, MAS QUANDO É NOVAMENTE ERGUIDO CONVERTE-SE OUTRA VEZ EM CETRO.

É, NO ENTANTO, MAIS FÁCIL DEITAR FORA O CETRO, DO QUE LEVANTA-LO. NO CETRO ERGUIDO, PORÉM, RESIDE O PODER.

PODER CONCENTRADO É EGOÍSMO.

PODER DISPERSO É FRACASSO.

LOGO, O PODER DO CETRO DEVE SER EQUILIBRANTE, A FIM DE QUE FORME REIS EQUILIBRADOS.

ISTO SOU EU.

XXII

E todos vós deveis assim orar:

“Ó doce Onipotência, EU SOU teu poder manifestado!

Ó Onisciência Silenciosa, EU SOU teu saber realizado!

Ó Eterna Onipresença, EU SOU tua ubicuidade velada!”

Abro minha mente e meu coração, abarco todos os dons e derramo amor, saber e verdade.

Eu sou o que tu és.

Isto sou EU.

-